

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E
REGIONALIDADE**

LISIARA VARGAS DA ROSA

**PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DA
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL: DESAFIOS LINGÜÍSTICO-CULTURAIS
DOS INTERCAMBISTAS**

CAXIAS DO SUL

2018

LISIARA VARGAS DA ROSA

**PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DA
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS
DOS INTERCAMBISTAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e
Regionalidade, na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carina Maria Melchiors
Niederauer

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

R788p Rosa, Lisiara Vargas da
Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade
de Caxias do Sul : desafios linguístico-culturais dos intercambistas /
Lisiara Vargas da Rosa. – 2018.

85 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2018.

Orientação: Carina Maria Melchior Niederauer.

1. Programas de intercâmbio de estudantes. 2. Linguagem e línguas.
3. Cultura. I. Niederauer, Carina Maria Melchior, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.014.242

Catálogo na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade de Caxias do Sul: desafios linguísticos-culturais dos intercambistas

Lisiara Vargas da Rosa

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Linguagem, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 13 de dezembro de 2018.

Banca Examinadora:

Dra. Carina Maria Melchior Niederauer
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Maria Alzira Leite
Centro Universitário Ritter dos Reis

Dra. Tânia Maris de Azevedo
Universidade de Caxias do Sul

A minha família, amigos e colaboradores

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Caxias do Sul, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade.

À coordenadora do Mestrado, professora Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, que desde o primeiro contato foi incrível, e à escriturária Daniela Pioner (princesinha) por terem sido solícitas, atenciosas e proativas nos momentos de dificuldades.

À professora Carina Maria Melchior Niederauer, uma deusa, por ter aceitado assumir a orientação da minha pesquisa, por suas contribuições que enriqueceram este trabalho e pelo ser humano magnífico que é.

À professora Saete e a todos os professores do Programa, cujas aulas tive o prazer de frequentar.

Aos colegas da turma 15, em especial ao Lucas Soboleswki Flores, Nathália Magrin, Jennyfer Gabrielle Rodrigues, Emanuele Freitas e Rose Elaine Barcellos Duarte Arrieta.

À minha família na UCS, os colegas da Assessoria Internacional, professor Gelson, Fabíola, Sandra, Nei, Renato, Mariluce e Thiago e aos amigos do UCS Línguas Estrangeiras, professora Magda, Clair, Rodrigo e Adriana.

À minha segunda família, a equipe de colaboradores da KNN Idiomas, pelo auxílio e compreensão.

Aos meus pais, Enésio e Lindonira, que sempre apostaram em mim, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. As minhas irmãs, Liliene, Liciene e Cinara, pelo apoio e aos meus sobrinhos, Felipe, Pedro, Emanuely, Marcelly, Natanielly e as Marias, além dos meus afilhados pela paciência.

Aos meus anjos de guarda, Adriana Salvador, Carlos, Cris Pescador, Simone, Francine, Aline, Lisele, Juliana, Patrícia, Duana, Leandro, Claudia, Eudoro e Tia Angela.

Aos membros dos grupos de Whatsapp “*Friends*”, “Unidos do ano que vem” e em especial as amigas do grupo “Luluzinhas”, pela amizade e incentivo incondicional.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, a minha gratidão eterna.

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como e ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”.

Amyr Klink

RESUMO

Este estudo tem como objetivo propor atividades que contribuam com o Programa de Mobilidade Acadêmica da Universidade de Caxias do Sul – UCS, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas recebidos na Instituição. Para tanto, são abordados os conceitos de *cultura*, *globalização* e *internacionalização* a partir do que é proposto por Pozenatto (2003), Ianni (1994, 2002) e Hall (2001). Esta investigação está pautada nos pressupostos teóricos da sociolinguística, em especial, nos estudos de Labov (2008), Calvet (2002), Coseriu (1992) e Hymes (1995), pondo à mostra a intrínseca relação entre língua e sociedade. Com base nisso, são apresentadas propostas de atividades voltadas ao desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas. Essas atividades procuram contemplar o ensino da língua em uso, partindo, por exemplo, de situações culturais típicas do local de passagem. Além disso, é considerado, para elaboração das atividades, o que é proposto pelo Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCER), especificamente no que se refere ao Nível B1 de proficiência, considerado nível intermediário. Conclui-se com essa pesquisa que tanto os estudos culturais quanto a sociolinguística podem colaborar para que sejam produzidas atividades capazes não só de qualificar a competência comunicativa de alunos intercambistas, mas também propiciar a eles uma experiência cultural significativa.

Palavras-chave: Internacionalização. Intercâmbio. Língua. Cultura.

ABSTRACT

The purpose of this study is to propose activities that contribute to the Academic Mobility Program of the University of Caxias do Sul - UCS, in order to collaborate with the development of the communicative competence of exchange students received in the Institution. To this end, the concepts of culture, globalization and internationalization based on what is proposed by Pozenatto (2003), Ianni (1994; 2002) and Hall (2001). This research is based on the theoretical assumptions of sociolinguistics, in the studies of Labov (2008), Calvet (2002), Coseriu (1992) and Hymes (1995), shows the intrinsic relationship between language and society. On this basis, proposals for activities aimed at the development of students' communicative competence of exchange students. These activities seek to contemplate the teaching of the language in use, starting, for example, cultural situations typical of the place of passage. In addition, for the preparation of activities, which is proposed by the European Common Frame of Reference for Languages (QCER), specifically for Level B1 proficiency, considered intermediate level. It is concluded with this research that both, cultural studies and sociolinguistics can collaborate so that activities capable of not only to qualify the communicative competence of exchange students, but also to promote to them a meaningful cultural experience.

Keywords: Internationalization. Exchange. Language. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Imagens construídas com alimentos	65
Figura 2 - Tradicionalismo gaúcho - 8 curiosidades sobre o tradicionalismo gaúcho que todos precisam saber	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Níveis Comuns de Referência: escala global	44
Quadro 2 – Habilidades a serem desenvolvida no Nível B1	45
Quadro 3 – Descritores do Nível B1	47
Quadro 4 – Representação do Modelo de Competência Comunicativa	49
Quadro 5 – Programa de Ensino do Curso de Português Brasileiro	56
Quadro 6 – Atividades a serem desenvolvidas	58
Quadro 7 – Estrutura das atividades	58
Quadro 8 – Roteiro de informações que devem constar no vídeo	59
Quadro 9 - Roteiro de informações que devem constar no vídeo	60
Quadro 10 – Informações para gravação do vídeo	61
Quadro 11 – Texto para discussão	66
Quadro 12 – Receita de risoto	68
Quadro 13 – Filme I – Região Sul – Anahy e las Misiones	69
Quadro 14 – Filme II – Região Nordeste – O homem que engarrafava nuvens (2008)	70
Quadro 15 – Filme III – Sudeste – O homem que virou suco	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARINT	Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CETEC	Escola de Ensino Médio e Técnico da UCS
CILP	Certificado Internacional de Língua Portuguesa
CPB	Curso de Português Brasileiro
EaD	Ensino a Distância
EDUCS	Editora da Universidade de Caxias do Sul
HG	Hospital Geral
IES	Instituições de Ensino Superior
MCER	Marco Comum Europeu de Referência
PMAI	Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional
PPE	Português para Estrangeiros
PPG	Programas de pós-graduação
QCER	Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas
RCI	Região de Colonização Italiana
UCS	Universidade de Caxias do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CULTURA, GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: ENTENDENDO ESSES CONCEITOS	18
2.1 A CULTURA DA GLOBALIZAÇÃO	20
2.2 IDENTIDADE CULTURAL NA GLOBALIZAÇÃO	22
2.3 A RELAÇÃO TEMPO E ESPAÇO NA GLOBALIZAÇÃO	27
2.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	30
3 A SOCIOLINGÜÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE INTERCÂMBIO.....	34
3.1 SOCIOLINGÜÍSTICA	34
3.2 INSEGURANÇA LINGÜÍSTICA.....	37
3.3 A NORMA E A LÍNGUA	39
3.4 COMPETÊNCIA COMUNICATIVA QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS: NÍVEIS LINGÜÍSTICOS DO MARCO COMUM EUROPEU.....	42
3.5 COMPETÊNCIA COMUNICATIVA.....	47
4 MÉTODO E PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA PMAI E PPE DA UCS	50
4.1 ESTUDO DE CASO.....	50
4.2 PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: CONTEXTO DA PESQUISA..	51
4.3 PROGRAMA DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS (PPE) DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL	55
4.4 PROPOSTAS DE ATIVIDADES.....	57
4.4.1 I Atividade preparatória para intercambistas da Universidade de Caxias do Sul	61
4.4.2 II - Atividade de produção oral e compreensão auditiva	61
4.4.3 III - Atividade de culinária brasileira.....	63
4.4.4 IV - Atividades de sequência filmica.....	68
4.4.5 V - Atividade em busca do churrasco perfeito.....	70
4.4.6 VI - Atividade Blog Linguístico-Cultural.....	72

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE INFORMAÇÕES DA ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS E INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS.....	82
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE INFORMAÇÕES DO UCS LÍNGUAS ESTRANGEIRA – PROGRAMA DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS.....	83

1 INTRODUÇÃO

Por acreditar ser o intercâmbio um cenário propício e possível de relacionar Língua, Cultura e Identidade, fui motivada a desenvolver este estudo. Hoje, identifica-se uma forte tendência de internacionalização nas instituições de ensino superior. Esse processo exige ações estratégicas para viabilizar o desenvolvimento de habilidades e competências linguísticas tanto dos discentes quanto dos docentes. Os intercâmbios, a facilidade de comunicação em diferentes línguas e também a capacidade de interagir naturalmente com indivíduos de outras culturas contribuem para a formação de profissionais mais flexíveis que, por sua vez, correspondem às exigências de um mercado globalizado.

De modo geral, a língua é vista como um fato social, tendo como uma de suas funções expressar a cultura. Em suma, ela é parte da cultura, visto que é instituída e reconhecida por uma comunidade linguística comum. As discussões sobre a relação entre língua e cultura têm sido progressivamente reafirmadas como, por exemplo, pelos sociolinguistas no que tange às questões de variação linguística. A variação, por sua vez, não resulta apenas da capacidade cognitiva do homem, mas da interação de fatores linguísticos e sociológicos.

Pode-se relacionar esses estudos à realização de intercâmbios, foco desta pesquisa, estes que estão sendo cada vez mais procurados por pessoas que buscam conhecer novas culturas, vivenciar novas experiências e, muitas vezes, complementar sua formação acadêmica ou profissional. Em virtude disso, surge também a necessidade de compreender a língua do país escolhido pelo intercambista para fazer sua imersão cultural.

O interesse em propor um estudo direcionado a esse tema deve-se à minha atuação profissional na Assessoria Internacional da Universidade de Caxias do Sul (UCS), voltada para o processo de recepção de alunos estrangeiros de graduação, embarque de acadêmicos da UCS, que pretendem realizar um período de mobilidade acadêmica internacional/intercâmbio, e por organizar e dar suporte a eventos internacionais. Ao realizar minhas atividades, sempre me chamou atenção a alternância linguístico-cultural à qual esses estudantes se submetem por um determinado tempo.

Na contemporaneidade, é comum que acadêmicos realizem intercâmbios para outros países, buscando aperfeiçoar um idioma e, também, conhecer mais sobre os hábitos culturais da localidade de destino. Todavia, essa imersão em outra cultura e a comunicação em outro idioma nem sempre ocorrem de maneira fácil, dado que os hábitos culturais que a pessoa possui devido à sua vivência em sua terra natal não serão anulados ou esquecidos assim que entrar em contato com uma nova cultura. De acordo com Pozenato (2003), isso não faz com que os valores

assumam o lugar do outro ou até mesmo se excluam. De fato, o que acontece é uma mescla de antigos hábitos com as novidades aprendidas no novo local de passagem.

Os programas de mobilidade acadêmica internacional/intercâmbio surgiram justamente para promover a troca de experiências entre estudantes, incentivando-os a complementarem sua formação em outro país. Nesse sentido, um estudante que reside na região da Serra Gaúcha poderá fazer um intercâmbio para qualquer local do mundo. De igual modo, os intercambistas que vêm conhecer essa região também poderão experienciar essa cultura.

Toda essa mobilidade nos permite aproximar os estudos empíricos da sociolinguística laboviana¹, que têm como objeto de estudo a variação e a mudança de língua no contexto social da comunidade de fala. A língua, nessa perspectiva, é fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

Exemplos de ações envolvendo intercambistas podem ser encontrados ao se analisar o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade de Caxias do Sul, objeto de estudo desta dissertação. De acordo com o *site* da Instituição:

A UCS tem intensificado as ações no âmbito internacional e, para tanto, vem ampliando suas parcerias com instituições estrangeiras, favorecendo a mobilidade acadêmica internacional para professores, alunos e gestores nas áreas de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

Pensando nas possibilidades existentes para a realização de intercâmbios, é importante refletir sobre as consideradas fronteiras simbólicas e suas interconexões. Segundo Souza, fronteiras simbólicas são representações da realidade de uma cultura:

A fronteira como fator de representação da realidade produz sentidos culturais que estabelecem limites de ordem hierárquica, classificações sociais que direcionam ou guiam as identidades. As fronteiras simbólicas atuam como mediadoras das relações e interconexões entre o Eu e o Outro a partir desse jogo de representações e dos sentidos que produz (SOUZA, 2014, p. 476).

Pensar processos culturais oportuniza refletir sobre as possíveis trocas e fusões entre culturas, questão importante porque está diretamente relacionada à globalização, possibilitando também a transculturação².

1 A sociolinguística que Labov propõe tem o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social de uma comunidade. Ele acredita que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala (COAN; FREITAG, 2010).

2 Neste estudo, assume-se o que propõe Ianni (1996, p. 153) a respeito da transculturação, segundo ele, “[...] entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma

Não se pode ignorar que, quando uma cultura entra em contato com outra, ocorrem mudanças e trocas culturais. Em vista disso, uma das definições de globalização que apresentamos é a de Ianni (1996), pois, para ele, esse processo é uma travessia que abrange coisas, pessoas, ideias, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar simultaneamente. Nada permanece igual no contraponto das relações socioculturais, ainda que se mantenham as aparências, tudo se move, modifica e transfigura.

Entendimento semelhante aparece em Souza (2014) ao dizer que o rompimento de fronteiras culturais aponta para as pluralidades que constituem o sujeito. Entende-se que na contemporaneidade se destaca o problema das fronteiras, já que questões culturais tradicionais relacionadas à identidade estão em constante processo de redefinição, alertando para as pluralidades que configuram os indivíduos, considerados híbridos, na pós-modernidade.

Dessa maneira, pode-se concluir que todos os processos envolvendo língua, cultura e globalização são essenciais para tornar o intercâmbio um processo desafiador, contribuindo para uma formação linguística e cultural mais ampla, fazendo com que o intercambista aprenda muito mais do que um novo idioma, adquirindo novos hábitos, costumes, valores relacionados à moda, à culinária, à religião, entre tantos outros aspectos que fazem parte da cultura de uma região. Contudo, não é necessário sair de um país para observar diferentes culturas. Ao comparar os hábitos de algumas pessoas moradoras do Rio Grande do Sul com algumas que residem na Bahia, por exemplo, nota-se já uma grande diferença de hábitos e costumes nos mais variados aspectos. Nesse sentido, as trocas ocorrem quando se desfazem as fronteiras culturais e não apenas as fronteiras geográficas.

Além disso, segundo Cuche (2002), a cultura não se desenvolve da mesma maneira em todos os lugares do mundo: certas regiões possuem alguns aspectos culturais mais evidentes do que outras. Assim, um intercambista que vem com uma cultura já internalizada de sua região, possivelmente, sentirá alguma dificuldade de adaptação se o país de destino tiver uma cultura muito diferente da sua.

Ao analisar o conceito de cultura, percebe-se que este e o de globalização se cruzam inúmeras vezes. Pozenato (2003) afirma que são dois termos em constante movimento. Quando uma pessoa, enraizada em sua cultura local, participa de um programa de intercâmbio em uma cultura diferente, poderá sentir curiosidade de saber mais sobre o que ela traz consigo e o que levará para seu país quando voltar. Diante disso, pensar globalização requer que se tenha

cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a expressão inglesa *aculturation*".

presente a noção de cultura, dada a relação intrínseca entre esses conceitos. Diante do exposto até aqui, o tema deste estudo é a insegurança linguística de intercambistas recém-chegados ao Brasil, em específico, os que vieram complementar seus estudos na Universidade de Caxias do Sul, por meio do Programa Mobilidade Acadêmica Internacional.

O problema de pesquisa que norteia esta investigação é: *O que a Universidade de Caxias do Sul pode oferecer, em termos de preparação linguística e cultural, aos intercambistas recebidos em seu Programa de Mobilidade Acadêmica de modo a minimizar a insegurança linguística que, por hipótese, surge nos processos de intercâmbio, a fim de possibilitar a interação e o desenvolvimento da competência comunicativa dos intercambistas?*

Nosso objetivo geral é o de propor atividades que contribuam com o Programa de Mobilidade Acadêmica da UCS, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas recebidos na Instituição. Para isso, tem-se como objetivos específicos: (1) analisar o fenômeno da globalização em seus aspectos culturais; (2) situar o Programa de Mobilidade Acadêmica dentro do Projeto de Internacionalização da UCS, ; (3) descrever a proposta do Programa de Línguas Estrangeiras no que tange ao ensino da língua portuguesa para intercambistas; (4) analisar o que é proposto pelo Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCER), no que se refere ao ensino e à aprendizagem de línguas; e (5) a partir de uma perspectiva sociolinguística, propor atividades linguísticas que proporcionem interações capazes de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de intercambistas, enfatizando as variedades linguísticas existentes em algumas regiões do Brasil.

Para responder à questão-problema, bem como atender aos objetivos elencados, este trabalho está organizado da seguinte maneira: inicia por esta Introdução e, em seguida, apresenta o primeiro capítulo teórico, que pretende discutir os conceitos de cultura, globalização e internacionalização, buscando entender as inter-relações entre eles. O segundo capítulo aborda questões referentes à insegurança linguística na alternância de línguas (L1 para L2), à competência comunicativa, assim como os pressupostos da sociolinguística. O aporte teórico adotado é a teoria sociolinguística, em especial os estudos de William Labov, Louis-Jean Calvet, Marcos Bagno, entre outros estudiosos. No terceiro capítulo, será explicitado o método de pesquisa, a análise e a discussão dos dados que fornecerão elementos para desenvolver uma proposta de atividades. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

Quanto ao método utilizado, trata-se de um estudo de caso, acompanhado de pesquisa de fonte documental. No entendimento de Yin (2001, p. 32), um estudo de caso permite

responder a questões do tipo “como?” e “por quê?”, quando o foco se encontra em situações contemporâneas, inseridas em situações da vida real.

As pesquisas realizadas na sociolinguística, referentes à descrição e análise linguística, muito têm contribuído no que se refere à correlação entre usos linguísticos e contextos sociais. Pretende-se aqui trazer reflexões e sugestões para colaborar com a ampla rede de estudos já desenvolvidos, em especial, contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas.

A seguir serão discutidos os conceitos de cultura, globalização e internacionalização.

2 CULTURA, GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO: ENTENDENDO ESSES CONCEITOS

O fenômeno denominado usualmente por globalização tem sido empregado de forma constante nas mais diferentes esferas, contudo, não necessariamente com o mesmo significado. Além desse conceito, no decorrer deste capítulo, serão apresentadas algumas concepções de outros conceitos que também encontram relação com nosso objeto de estudo, são eles: *cultura e internacionalização*.

Segundo Ianni (2001, p. 11), a globalização pode ser vista como “uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e ideais, situações consolidadas e interpretações sedimentadas, formas de pensamento e voos da imaginação.” Ainda de acordo com ele, a expansão do capitalismo estaria representada nesse conceito, pois com a globalização não há mais limites territoriais para o comércio, bem como para o processo civilizatório. O autor compara esse processo ao período das Grandes Navegações, as quais tinham por objetivo descobrir novas rotas comerciais, desencadeando importantes mudanças econômicas, além da expansão da cultura europeia para outros territórios.

A globalização é ao mesmo tempo um processo de transformação em curso, aproximando diversas nações nos âmbitos econômico, social e político. Ela permite uma conexão maior entre pontos distintos do Planeta, nascendo daí a ideia de Aldeia Global, ou seja, um mundo globalizado onde tudo está interligado. Essa aproximação entre diferentes nações do mundo proporciona a troca de costumes, culturas e tradições. Por sua vez, valores e símbolos culturais que pertenciam originalmente a uma região ou nação passam a estar presentes em todos os cantos do mundo. Entretanto, ressalta-se que esse processo não se dissemina de forma igualitária, os centros economicamente dominantes se destacam em relação aos menos desenvolvidos.

Para Eagleton (2005, p. 9), a palavra cultura “[...] é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua.” O teórico justifica tal complexidade pelo fato de suas muitas representações. Nesse sentido, ele diz que:

Um de seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo que cresce naturalmente. O mesmo é verdadeiro, no caso do inglês, a respeito das palavras para lei e justiça, assim como de termos como ‘capital’, ‘estoque’, ‘pecuniário’ e ‘esterlino’. A palavra inglesa *coulter*, que é um cognato de cultura, significa ‘relha de arado’. Nossa palavra para a mais nobre das atividades humanas, assim, é derivada da agricultura, colheita e cultivo (EAGLETON, 2005, p. 10).

Assim, o ato de plantar, ou seja, cultivar, foi o primeiro significado atribuído à cultura. Em outro âmbito, e trazendo a realidade agrícola para o universo contemporâneo, cultura pode significar o habitar de uma pessoa em um determinado local. Nesse sentido, Eagleton (2005, p. 10) esclarece que o “significado de ‘habitar’ evoluiu do latim *colonus* para o contemporâneo ‘colonialismo’.” Portanto, para ele, a cultura também está relacionada ao local onde uma pessoa vive e à forma como os conhecimentos e hábitos são adquiridos. A ideia é que hábitos são internalizados e repassados de geração em geração numa mesma região. Assim sendo, por exemplo, uma criança indígena, se retirada de uma tribo quando recém-nascida e adotada por uma família do meio urbano, adotará hábitos urbanos e não os de sua aldeia.

De igual modo, um intercambista, que possui valores culturais enraizados em seu país de origem, pode adquirir novos hábitos no local em que está por um período determinado estudando ou trabalhando. Um estudante canadense, a título de exemplo, ao fazer um intercâmbio na região da Serra Gaúcha, pode adquirir hábitos típicos da localidade, como o de tomar chimarrão. Ao mesmo tempo, pode mostrar para as pessoas com quem aqui convive hábitos que são comuns no seu país de origem. O *Halloween*, por exemplo, uma festividade típica da América do Norte, ou o *Saint Patrick's Day*, em português, Dia de São Patrício, que é uma celebração típica da Irlanda, passaram a ser celebrados em outros lugares do mundo, assim como no Brasil, devido à absorção dos costumes desses países.

A incorporação dos hábitos culturais de uma pessoa ou de um grupo por outras pessoas ou outros grupos, portanto, não representa que esse novo valor assumido exclua outros. O que pode ocorrer é um acréscimo desses valores à identidade cultural do indivíduo. Isso pode ser melhor compreendido a partir de Pozenato (2003), pois, segundo ele, o importante para se compreender um processo cultural é ser capaz de vê-lo dentro de um processo histórico. Também é importante saber identificar os fatores que podem determinar transformações culturais e que esses fatores, ao introduzir mudanças culturais, preservam ao máximo a identidade, desencadeando modificações, mas não destruindo o significado cultural.

Pozenato (2003, p. 30) destaca ainda que:

O importante para se compreender um processo cultural é ser capaz de vê-lo dentro de um processo de história. Ele estando dentro de um processo de história se transforma. É importante saber identificar que fatores podem determinar transformações culturais, mudanças culturais. Que fatores, ao introduzir mudanças culturais, respeitam a identidade, fazem modificações, mas não destroem o significado cultural, e que fatores, ao interferir numa cultura, destroem essa identidade.

Ainda sobre a diversidade de significados da palavra cultura, lança-se mão de Cuche (2002), teórico que diz que o estudo sobre cultura não se desenvolve de forma igualitária em todas as regiões do mundo. Prova disso é que o conceito por ele proposto é mais aceito nos Estados Unidos e na Antropologia americana, sendo que seus estudos são, ainda, ampliados pela Psicologia e Sociologia. Ele explica que a cultura nasce com as obrigações básicas da espécie humana, que possui necessidades psicológicas, as quais determinam suas imposições fundamentais.

Este capítulo busca, portanto, compreender a relação complexa entre cultura, globalização e internacionalização, com o objetivo de explicitar esses conceitos e identificar em que medida se inter-relacionam, considerando estarem diretamente ligados aos processos de intercâmbio.

2.1 A CULTURA DA GLOBALIZAÇÃO

Miglioli (1996), ao discutir a questão da globalização, analisa-a como algo que acontece de forma espontânea em todos os países. Para ele, o significado mais usual de “globalização” é o de uma crescente integração entre países de todo o mundo ou, pelo menos, da maior parte deles. Essa ideia de que tal processo ocorre espontaneamente entre países sugere algo como se todos eles compartilhassem igualmente e participassem voluntariamente dessa integração.

Evidentemente, os países não estão em pé de igualdade e atuando de maneira espontânea e não hierárquica. As forças que estariam por trás dessas movimentações são as mais variadas. Tentando identificar e responder a essas questões, fundamentais para o estudo da globalização, Marques (1996) comenta que a literatura internacional, especialmente a de origem anglo-saxônica, consagrou, a partir do início da década de 1980, o uso do termo globalização para caracterizar o processo atual de organização da economia mundial. Ou seja, apesar de já popularizado e usual, o termo globalização estaria longe de ser um termo neutro. Existindo soberania econômica, isso deveria ser visto e refletido obrigatoriamente nos âmbitos político e cultural.

Acerca do que há além da terminologia, Ianni (1994) refere que sequer os profissionais das ciências sociais teriam já por garantidos os artefatos necessários para analisar criticamente e de maneira satisfatória, o fenômeno da globalização. Segundo o autor: “A sociedade global apresenta desafios empíricos e metodológicos, ou históricos e teóricos, que exigem novos conceitos, outras categorias, diferentes interpretações.” (IANNI, 1994, p. 148). Esse tipo de

sociedade necessita ser estudada de forma metódica, embasada em acontecimentos históricos e práticos, visto que somente assim o conceito de globalização poderá ser compreendido.

A sociedade global não é uma mera extensão quantitativa e qualitativa da sociedade nacional, ela se constitui como uma realidade original, carente de interpretações. Sendo assim, estaríamos diante de algo inteiramente novo a ser estudado. Para Ianni (1994), o que ocorre no momento é a transição dessa sociedade na qual ainda vivem ao mesmo tempo o nacional e o global. O conhecimento adquirido até então sobre “sociedade nacional” já não bastaria ao se aproximar dessa realidade agora internacional, multinacional, transnacional, mundial ou propriamente global.

Entendimento semelhante possui Pozenato (2003), quando compreende os eventos culturais que geram a globalização como um sistema em constante movimento, sendo este permanente ao mesmo tempo em que se transforma continuamente. Nas palavras do autor:

Há a necessidade de se compreender a presença da história, criando uma dinâmica dentro do processo cultural. E aí a questão da integridade cultural, da identidade própria, da genuinidade cultural continuam existindo, mas seguramente numa outra dimensão, numa dimensão em que não existe fixação no passado, mas em que a identidade é entendida também dentro de um processo histórico em transformação (POZENATO, 2003, p. 27).

Esse distanciamento e discernimento, ao analisar essas mudanças, demandariam novas habilidades. Dos movimentos interacionais, do global com o local, algumas percepções básicas nos âmbitos individual e coletivo, como tempo e espaço, seriam afetadas, tendo os meios de comunicação social um papel importante nessa disseminação de culturas estrangeiras, que acarretam o falado fenômeno da globalização.

Para Hall (2001), a globalização é um processo de escala mundial, é tudo aquilo que ultrapassa a barreira nacional e conecta as comunidades a outras combinações de tempo-espaço. Cada indivíduo faz parte do seu mundo, entretanto a globalização o torna interconectado por meio de realidades e experiências, isto é, “*tanto* a tendência à autonomia nacional *quanto* a tendência à globalização estão profundamente enraizadas na modernidade.” (HALL, 2001, p. 68).

Desses embates surge a ideia do Novo Mundo que descreve as transformações sociais que permeiam o signo da modernidade, o enigma que desafia os indivíduos, podendo ser comparado a uma metamorfose. A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como um modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações, regimes políticos, grupos, classes sociais e

culturas. Contudo, a emergência da sociedade mundial, ao mesmo tempo em que é complexa, torna-se contraditória. Essa realidade, descrita por Ianni (2001) ainda está em processo exploratório, por meio de práticas, pensamentos, ideais, imaginações e, também, por meio de suas diferentes formas de interpretação.

Os países são envoltos por manifestações culturais e, segundo Ianni (2001), elas podem variar de acordo com diferentes formas interpretativas, dependendo da época em que são analisadas. Isso acontece devido às condições de vida e de trabalho de cada país, pois, de acordo com o autor, a globalização tem revolucionado a maioria dos lugares do mundo. Justifica-se esse pensamento ao se analisar a mundialização dos mercados de produção que, cada vez mais, buscam mão de obra barata. Esse processo resulta nas migrações de todos os lugares para todos os lugares:

O exército industrial de trabalhadores, ativo e de reserva, modifica-se e movimentase, formando contingentes de desempregados mais ou menos permanentes ou subclasses, em escala global. Toda essa movimentação envolve problemas culturais, religiosos, linguísticos e racionais, simultaneamente sociais, econômicos e políticos. Emergem xenofobias, etnocentrismo, racismo, fundamentalismo, radicalismo, violências (IANNI, 2001, p. 23).

Diante disso, pode-se concluir que a esfera global vai muito além do que pode ser visto no horizonte, em um campo que é local e regional, e que se torna uma dificuldade mundial. Contudo, essa questão não é recente. Observa-se isso quando se analisa a história dos povos, como é o caso do feudalismo e do escravismo antigo até a sociedade atual com o socialismo e o capitalismo:

O globalismo é uma configuração histórico-social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas dilemas e horizontes. Tanto é assim que no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismo, etnicismos, racismos e fundamentalismos; assim como reavivam-se os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e diversidade, a integração e a fragmentação (IANNI, 2002, p. 183).

Dessa maneira, a globalização permite que a vida social e de trabalho sejam ampliadas, e possibilidades de relacionamentos e conhecimentos ultrapassem os horizontes da região em que o indivíduo está inserido. Há uma tendência de pensar que a independência global acabe por fragmentar a cultura, considerando a diversidade de estilos. Sabe-se, nesse contexto, que ainda existe muita desigualdade social e que a globalização deveria, em teoria, melhorar essas

questões. Ao mesmo tempo, reconhece-se, também, que esse é um processo inacabado e que ainda é necessária muita pesquisa e análise.

2.2 IDENTIDADE CULTURAL NA GLOBALIZAÇÃO

Para compreender a identidade cultural no processo de globalização, são apresentados os estudos de Hall (2001), que propõem três tipos de identidade:

- a) sujeito do Iluminismo: o centro do indivíduo se dá pelo seu núcleo interior, ele é dotado de razão e possui consciência de suas ações;
- b) sujeito sociológico: a identidade do indivíduo se dá pelas relações que ele tem com o seu eu interior e exterior, mundo pessoal e público, já trazendo conceitos de sociedade por perceber que não está sozinho, que não é autossuficiente; e
- c) sujeito pós-moderno: a identificação do sujeito se dá por sua identidade cultural, tornando-se mais problemática, porque já não tem uma identidade fixa ou permanente, sendo esta transformada continuamente de acordo com a cultura que a rodeia.

Hall (2001) defende que a formação de uma cultura nacional é importante para que se tenham determinados padrões estabelecidos, como, por exemplo, nas representações simbólicas e nos costumes. Além disso, espera-se que haja uma linguagem comum a cada comunidade linguística, favorecendo a comunicação entre os membros desses grupos. Para Hall (2001, p. 50), “a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade”.

Encontra-se em Hall (2001) referência ao que é o cerne deste estudo, a linguagem, que, como destaca, é necessária para que haja comunicação. A globalização interconecta as pessoas, coloca-as em uma nova relação de tempo e espaço. Todavia, para que as relações se estabeleçam é necessário que a linguagem permita essa conexão.

Também vem sendo abordada pela teoria social, a questão de crises de identidade, que seriam um processo transitório, mas que afetam a estabilidade da sociedade, pois as identidades constituídas até então, fazem surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, fazendo-o ser visto como um sujeito unificado.

A identidade pode ser transformada e adaptada conforme se vai adquirindo novas experiências, ampliando horizontes, entendendo mais sobre a cultura por meio da relação tempo-espaço, conhecendo novas pessoas e relacionando-se com outros mundos. No exemplo citado na introdução deste estudo, quando foi retratada a questão de intercambistas que vêm de

outros países para viver um período na região da Serra Gaúcha, comentou-se sobre o acréscimo de valores locais aos que eles trazem de seus países de origem.

Não há, portanto, alteração na identidade de cada um desses indivíduos, mas uma aceitação ou rejeição de determinados aspectos da nova cultura. Pozenato (2003) ilustra essa realidade ao analisar as trocas que ocorrem entre colonizações italianas que ficam geograficamente próximas de colonizações alemãs. Ele afirma que há duas culturas diferentes que são, ao mesmo tempo, vizinhas, acontecendo um intercâmbio chamado de natural, mesmo que seja cultural.

Se há uma colonização italiana próxima a uma colonização alemã, já se viu que existe essa troca. Mas essas trocas entre culturas vizinhas, exatamente porque não afetam a identidade, não causam maiores traumas. Seguem uma lei muito simples, que é a lei da aceitação ou da rejeição. Quer dizer, o que eu vejo na cultura vizinha e me agrada, eu aceito. O que eu vejo e não me agrada, eu rejeito. É um processo seletivo, em que o grupo cultural seleciona os elementos que quer absorver e rejeita os que não quer absorver e mantém assim a sua identidade (POZENATO, 2003, p. 31).

Para Cuche (2002), a questão da cultura também está diretamente conectada à de identidade, o que fica muito evidente quando se analisam as crises culturais, em que há constante crise de identidade: “há o desejo de ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos” (CUCHE, 2002, p. 175). Novas identidades surgem para revolucionar e podem fragmentar o indivíduo moderno, porém ao aprofundar os estudos sobre cultura e identidade, pode-se estabelecer algumas semelhanças, embora não se possa esquecer que são coisas distintas, pois:

[...] a cultura pode existir sem a consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas (CUCHE, 2002, p. 176).

Dessa maneira, para o sociólogo, a identidade cultural remete à abrangência da identidade social. Já a identidade social não se refere apenas ao indivíduo: todos os grupos sociais possuem uma identidade que é resultado de uma definição social. É exatamente essa definição que permite que o sujeito se situe no contexto social.

Outro termo associado à cultura é “híbrido” que, de acordo com Haesbaert (2012), foi emprestado do ramo da biologia justamente para denominar a mistura de diferentes realidades que tanto dialogam como se fundem, gerando uma nova construção. Concebendo termos como

os de “arte híbrida”, por exemplo, e de “hibridismo cultural”, Haesbaert (2012, p. 30) destaca que:

É interessante, em primeiro lugar, situar o hibridismo dentro de suas raízes latino-americanas, a América Latina sendo vista, muitas vezes, como o “continente híbrido” por excelência – se não na prática, pelo menos amplamente no campo discursivo. Não é à toa que temos alguns dos principais representantes desse debate, especialmente na interface entre os estudos culturais e os estudos literários, em sentido estrito.

A ideia de hibridismo também é abordada por Sousa (2012), que a refere como a aceitação ou a rejeição de costumes. Para essa autora, o hibridismo se caracteriza por trocas que podem ocorrer na convivência entre diferentes grupos ou entre diferentes indivíduos. Diz ela que:

O hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo reformulada, resignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, permanecendo sua indecisão sobre qual matriz cultural o mais representa (SOUSA, 2012, p. 5).

Assim, aborda-se o assunto da diferença cultural, porque, ao mesmo tempo em que a identidade social é inclusão, ela é exclusão. Da mesma forma que ela pode incluir os grupos sociais que possuem interesses em comum, ela pode excluir quem possui pensamentos diferentes.

Esses critérios de inclusão ou rejeição são classificados por Pozenato (2003) como de utilidade ou de representações, sendo que o primeiro se mantém como é em sua origem, enquanto o segundo é reelaborado. O autor comenta em sua obra *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural* que:

O critério seletivo pode ser um critério de utilidade, mas não necessariamente. Podem também ser critérios da ordem das representações, dos significados. Pode-se estabelecer a aceitação de valores culturais em dois planos. No nível do utilitário, por exemplo, a outra cultura tem um sistema de lavrar a terra melhor que o meu, um arado melhor, e eu copio o arado e a maneira de puxar o arado. Mas pode, por exemplo, a cultura vizinha ter um processo de representação dos valores culturais, já no plano do simbólico (narrativas, músicas, ou a forma da igreja), que uma cultura acha que é significante como símbolo cultural; ela pode também absorver e reutilizar, reelaborando o significado (POZENATO, 2003, p. 31).

A unidade cultural só poderá ser desenvolvida com a soma das diversidades e, conseqüentemente, das desigualdades. As pessoas não podem ser iguais, porque é nas diferenças que se encontram a troca de informações e o fascínio da comunicação. Ao contrário,

conversar com pessoas que possuem exatamente os mesmos pensamentos que os nossos, torna-se uma atividade pouco estimulante, perdendo, assim, o seu significado. Acerca disso, Pozenato afirma que “contra o perigo das ditaduras culturais há, pois, um único caminho: o de chamar a atenção para a diferença, o de elogiar a diversidade.” (POZENATO, 2003, p. 15).

Portanto, para que haja bem-estar no convívio humano social, é necessário levar em consideração as identidades pessoal e coletiva do sujeito, respeitando as mais diferentes formas de pensamento. O autor considera ainda que todos os fatores que fazem parte da identidade cultural não encontram mais ou menos dificuldade de compreensão com relação à sua troca, tampouco traumas culturais, em virtude de se fazer “dentro de uma dinâmica em que os significados vão sendo reconstruídos, na medida em que os elementos vão se tornando empréstimos.” (POZENATO, 2003, p. 33).

Deve-se ainda considerar a interferência da cultura de massa sobre as culturas locais, procurando entender o quanto isso tem sido significativo para a sociedade. Um dos principais recursos utilizados pela cultura de massa têm sido as novas tecnologias. Quando se analisa o quanto a tecnologia avançou e avança, consegue-se mapear melhor as mudanças culturais que isso tem implicado. É claro que, além disso, há outros processos responsáveis por interferir na identidade cultural, tais como: o turismo, a política, as ideologias e a educação.

Aqui, mais uma vez, encontra-se proximidade com o objeto desta pesquisa, pois no caso dos intercâmbios, dois dos processos referidos por Pozenato (2003) se destacam, o turismo e a educação. Naturalmente, aquele que busca fazer um intercâmbio para estudos tem interesse em conhecer a cultura do país de destino e, necessariamente, precisa ter algum conhecimento da língua desse país, questão que será discutida no Capítulo 3.

Para Pozenato (2003), a cultura não é simplesmente a totalidade de objetos e comportamentos. Esses elementos dizem algo que pode ser entendido de diferentes formas. Segundo ele:

Uma que é bastante comum, e é um risco por que a gente passa ou em que pode incorrer, é de achar que o significado desses elementos materiais que observo, registro e descrevo, o significado deles está como uma espécie de conteúdo mental na cabeça das pessoas que vivem a cultura. Então eu teria que, de alguma forma, descobrir o que as pessoas têm na cabeça, que sentido elas dão a sua visão individual ou até coletiva (POZENATO, 2003, p. 36).

Bauman (2003, p. 108), ao idealizar a cidade dos sonhos de George Hazeldon, afirmou que uma comunidade é “a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo as mesmas regras

de convívio.” A cidade-modelo seria, então, um local em que os indivíduos estranhos³ poderiam se encontrar. Isso porque quando se encontra um estranho é totalmente diferente do que quando se encontra um parente, amigo ou alguém conhecido. Não há um guia para que a conversa flua, porque não há memórias compartilhadas, é um encontro casual, sem passado e provavelmente sem futuro.

Dessa maneira, as pessoas podem ser elas mesmas, sem sofrer qualquer pressão social. O autor ainda faz uma analogia com a utilização de máscaras, que são necessárias para o homem ser civilizado. Elas permitem a sociabilidade total, distante das circunstâncias de poder, do mal-estar e dos sentimentos das pessoas que as usam, com o objetivo de proteger os outros de serem sobrecarregados com nosso peso. Partindo do princípio de que usar uma máscara é a essência da civilidade, é claro que se espera reciprocidade das pessoas para que se possa conviver em harmonia, com generosidade perante o outro. Somente com respeito mútuo é que os relacionamentos poderão seguir rumo à evolução do pensamento e da espécie.

De acordo com os estudos de Bauman (2003), o ser humano não é capaz de gostar e aprender a conviver com a diferença de forma rápida. A capacidade de conviver com a diferença, de gostar desse contato e entender seus benefícios, não se adquire isoladamente. É um processo que exige estudo e exercício constante. Dito de outra forma:

A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ele gera (BAUMAN, 2001, p. 123).

Ainda nessa linha de pensamento, o homem, ao buscar o seu lugar no mundo, possui o reconfortante sentimento de pertencer a um grupo, fazer parte de uma comunidade, assegurando sentimentos de tranquilidade por não precisar provar nada a ninguém (BAUMAN, 1998).

2.3 A RELAÇÃO TEMPO E ESPAÇO NA GLOBALIZAÇÃO

David Harvey (2001) é conhecido como um dos pioneiros a identificar as alterações na relação entre espaço e tempo, associando a mudança às práticas culturais, ao termo pós-

³ O termo “Estranhos”, no contexto da cidade modelo, refere-se a pessoas que não se conhecem. Porém, Bauman (1998, p.27) define estranho como pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo.

modernismo, com alterações político-econômicas que teriam iniciado em 1972. Mais especificamente, relaciona as novas experiências frente ao tempo e ao espaço, ao início de um novo ciclo de compressão. Ele explora a experiência do tempo e do espaço, como vínculo mediador entre o desenvolvimento histórico-geográfico do capitalismo e os processos de produção cultural e transformação ideológica.

Por meio de uma análise materialista, o autor explica que tempo e espaço são criados para a reprodução da vida social, através de práticas e processos materiais. Assim, ao aprofundar o assunto e analisar a história, diz:

Os índios das planícies ou os nueres africanos objetivam qualidades de tempo e de espaço tão distintas entre si quanto distantes das arraigadas num modo capitalista de produção. A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos, os casos de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferencialmente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço (HARVEY, 2001, p. 189).

Machado (2001) adota um discurso similar ao de Harvey (2001) e caracteriza a relação entre tempo e espaço como algo estreito. Nesse sentido, a autora afirma:

Em estreita relação com o tempo histórico, encontramos o espaço, que é visto e pensado como um dos elementos referenciais da existência humana de acordo com a matriz epistêmica do pensar histórico, a qual, por sua vez, sofre alterações no transcurso de sua historicidade (MACHADO, 2001, p. 80).

A alteração da identidade por meio da variação do tempo-espaço a que o homem durante sua vida é submetido nada mais é que a consequência de um mundo que está em constante globalização.

Segundo Hall (2001, p. 70), tempo e espaço são coordenadas básicas de todos os sistemas representativos:

Todo meio de representações – escrita, pintura, desenhos, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim”; os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo.

A identidade está, então, vinculada ao processo de representação. A forma como as identidades são representadas podem evidenciar essa relação tempo-espaço. Por exemplo, o sujeito pintado nas telas do século XVIII é analisado de maneira muito diferente no tempo atual,

da mesma forma que é diferente quando ele viu a sua própria imagem pintada por outra pessoa, ou seja, a interpretação de algo se modifica em relação à percepção de quem e em que momento o faz. Isso pode ser justificado por Hall (2001) como “todas as identidades estão localizadas” no espaço e no tempo simbólico.

O tempo é diferente porque pode ser manipulado, ao contrário do espaço, um ambiente fixo. O que se precisa analisar é o efeito que essa relação tempo-espaço sofre. Nessa perspectiva, o pós-moderno global é entendido por Hall (2001) como um efeito que pode enfraquecer a identidade cultural. Nesse processo:

Existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do nível estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes (HALL, 2001, p. 73).

Pozenato (2003) narra uma história que exemplifica o que vem sendo dito sobre cultura. Segundo ele, havia uma capela na cidade de Caxias do Sul tombada pelo Conselho do Patrimônio Histórico da cidade, a qual estava sendo destruída para dar lugar à edificação de um prédio. Coube a um conselho decidir, então, se deveria manter o tombamento ou autorizar a nova construção. O que se questiona a partir desse exemplo, é o que tem valor cultural, qual o critério para se determinar esse valor e, principalmente, como é feita a análise para se chegar a uma conclusão.

Trata-se de uma capela construída por um cidadão que havia se desentendido, à época, com o vigário. Mais tarde, o indivíduo recorreu ao bispo para que a reconhecesse como tal, porém teve seu pedido negado. Passado algum tempo, esse cidadão faleceu, deixando a capela para seus herdeiros que a venderam para terceiros, que, por sua vez, decidiram construir um prédio no local. Ao ponderar sobre uma definição para o caso, o conselho questionou-se sobre qual seria o valor cultural da capela e se seu valor cultural estaria ligado à representação da religiosidade da população, ao critério de antiguidade ou, ainda, se seria esse valor excluído por se tratar de um esforço individual e não coletivo.

As análises realizadas pelos conselheiros, para decidir o destino da capela, foram baseadas na interpretação de cada um, a partir de seu entendimento de cultura, dentro de um tempo-espaço. Vê-se que, nesse caso:

A visão dinâmica da cultura é importante, tanto para interpretar a cultura como para estabelecer uma política cultural. Outra ideia importante é a de perceber que a dinâmica cultural só é possível dentro de uma concepção de cultura em que ela é vista

como um universo de sinais e significados. Esse significado só pode ser encontrado dentro de uma leitura contextual (POZENATO, 2003, p. 49).

Bauman (2003) alerta para questões de longo prazo, porque podem se tornar algo sem significado. Ele faz uma analogia com o tempo, que é infinito e ao mesmo tempo instantâneo, em que não se pode simplesmente adicionar mais momentos ao que já aconteceu, inserindo a questão da modernidade sólida, com o principal objetivo de eternizar as ações. Os de curto prazo substituem o longo prazo e fazem da instantaneidade seu ideal. Ao analisar o que é de curto e o que é de longo prazo, percebe-se que esses pensamentos estão muito presentes quando se estuda a modernidade sólida, a exemplo da:

[...] capacidade, como a de Bill Gates, de encurtar o espaço de tempo da durabilidade, de esquecer o “longo prazo”, de enforçar a manipulação da transitoriedade em vez da durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias e que deverão ser utilizadas instantaneamente (HALL, 2001, p. 159).

Ou seja, o prazo de descarte e substituição das coisas pode ser contraditório, porque tanto a infinidade quanto as novas possibilidades podem torná-las um risco, uma vez que o durável e o transitório podem ser substituídos facilmente por outras fronteiras. É exatamente essa instantaneidade do tempo que transforma o convívio, a forma com que os humanos (des)cuidam de suas atividades diárias e afazeres coletivos, como eles transformam as questões individuais em coletivas (HALL, 2001).

Mesmo diante de toda essa aparente transitoriedade das coisas, a língua ainda permanece como algo que, embora evolua e se modifique ao longo do tempo, é algo que interfere nesse rompimento de fronteiras, dado que, afora as chamadas línguas francas⁴, e mesmo elas, não são de conhecimento de todos e de certa forma mantêm suas fronteiras.

Ortiz (1991, p. 193) diz que “da mesma forma que há uma descontinuidade entre a memória coletiva e a memória nacional, existe uma disjunção entre a memória nacional e a modernidade”, por exemplo, as celebrações públicas de origem religiosa e política estão sendo avaliadas de forma secundária na atualidade. Os feriados, além de prorrogações festivas, passam a ser um contraponto do mundo do trabalho, uma necessidade da sociedade de consumo. Um pensamento parecido aparece em Hall (2001), ao analisar a forma como a vida social das pessoas é afetada quando há algo sendo ditado pelo sistema global. Nas suas palavras:

4 Língua franca, segundo o dicionário Cambridge é: “*a language used for communication between groups of people whospeak different languages*”. É a língua comum utilizada por pessoas que falam diferentes idiomas, para manter um diálogo uniforme (tradução nossa). Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lingua-franca#dataset-cald4>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2001, p. 75).

Para Hall, a relação entre tempo e espaço, ocorrida num processo global, já não acontece de maneira uniforme. As trocas são dinâmicas e podem acontecer tanto em um intercâmbio para outro país como quando alguém lê um livro ou assiste a um filme que retrata as tradições e os costumes de uma realidade diferente da sua. Tais aspectos proporcionaram o surgimento de identidades culturais cada vez mais híbridas, pois as pessoas têm acesso a muita informação e podem aceitar ou rejeitar qualquer uma delas, como já afirmado por Pozenato (2003) anteriormente. As identidades em grupo tornaram-se cada vez mais raras, pois cada indivíduo pode receber estímulos diferentes, aceitando-os ou refutando-os.

As mudanças sofridas em diferentes âmbitos provocam mudanças no comportamento do homem e geram a necessidade de novas respostas para a sociedade globalizada. Nesse processo, a internacionalização adquire destaque, impulsionada fortemente por esse fenômeno. Como veremos a seguir é nas instituições de ensino superior, em especial na Universidade de Caxias do Sul, que buscaremos encontrar o aporte necessário para confrontar a relação globalização, cultura, língua, identidade e mobilidade acadêmica.

2.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Iniciamos esta subseção com uma breve contextualização da região onde está inserida a Universidade de Caxias do Sul (UCS), a fim de que se possa situá-la no tempo e no espaço. O município de Caxias do Sul é considerado o segundo maior do estado do Rio Grande do Sul, perdendo apenas para Porto Alegre, que é a capital do Estado. Ademais, é conhecido por ser o segundo maior polo metalomecânico do País. Localizado no nordeste do Estado, foi colonizado por imigrantes italianos, sendo uma região de importante desempenho econômico.

A UCS é uma instituição de caráter comunitário e regional que atua para colaborar e transformar o progresso social e cultural da região da Serra Gaúcha. Responsável por formar profissionais com diferentes competências, mantém a determinação de constituir-se como um espaço propício à investigação, reflexão e inovação nas diferentes áreas do conhecimento. Nesse contexto, a dinamicidade das novas gerações se mescla à experiência acumulada pelos

docentes para criar formas de saber que contribuirão para expandir as fronteiras culturais⁵. Essas informações são relevantes, visto que descrevem um panorama extremamente atrativo aos estudantes que buscam uma experiência internacional em uma instituição de ensino superior brasileira.

Em uma busca constante por estar cada vez mais preparada para gerenciar os processos de internacionalização que vêm transformando as opções de construção de conhecimento da comunidade acadêmica, a Universidade, desde 1992, com a publicação do documento “A Regionalização da Universidade. Conceitos e Perspectivas”⁶, elabora o projeto de regionalização da UCS, tomando como eixo norteador de reflexão as características culturais, históricas e econômicas da ocupação da denominada Região de Colonização Italiana – RCI, e a criação da Universidade a partir desse contexto.

Com os “pés na região e olhos no mundo”, a UCS dá seguimento a sua preocupação de buscar constantemente inovações e estar atenta ao seu papel de formar cidadãos competentes e qualificados para atender às necessidades do mercado competitivo e globalizado. A Instituição busca para seus acadêmicos as melhores oportunidades de qualificação e de projeção no ramo da educação mundial, mantendo presente, em seus princípios, a inserção local e global.

Sua crescente internacionalização, por intermédio de uma ação planejada, que amplia parcerias com instituições universitárias de diversas partes do mundo, difunde sua imagem de universidade contemporânea e dinâmica, preparada para interagir com outros povos e culturas na busca do progresso e do desenvolvimento da humanidade. Nos últimos anos, vem atuando na comunidade científica internacional, passando a integrar e a interagir com as mais diversas redes de saber. Passou a valer-se da cooperação acadêmica internacional como instrumento e estratégia para o melhor cumprimento de sua missão social. Atualmente, conta com mais de uma centena de acordos de cooperação, o que facilita o desenvolvimento de atividades em colaboração com grandes centros de excelência em ensino, pesquisa e extensão.

A Instituição entende que a cooperação internacional deve ser uma de suas metas estruturais, pois através dela as instituições de ensino superior podem buscar uma efetiva integração das nações, não somente com vistas à defesa de interesses econômicos, mas, acima de tudo, para buscar uma realidade mais justa e equilibrada para as populações. Hoje, sua campanha institucional reforça esse tema ao usar o *slogan*: “UCS, pessoas em movimento”,

⁵ Informações disponibilizadas pelo material institucional de divulgação da Universidade de Caxias do Sul.

⁶ *A Regionalização da Universidade: conceitos e perspectivas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1992 (Documento integrante do acervo do Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul, pertencente ao Arquivo Histórico/UCS no Fundo: Reitoria).

pois o movimento transforma, aproxima as pessoas, conecta ideias, inspira projetos, materializa sonhos. A Instituição acredita que as pessoas constroem suas jornadas, transformando o mundo.

A colaboração entre universidades de diferentes países, com realidades sociais, tecnológicas e educacionais distintas, insere a UCS, em uma estratégia global, que busca a excelência na atuação acadêmica. Com visibilidade internacional, a instituição vê seu processo de internacionalização como fator decisivo em sua qualificação e o insere sempre em seu planejamento estratégico. Contando com mais de cem acordos de cooperação internacional, firmados com instituições de todos os continentes, as possibilidades de mobilidade acadêmica são inúmeras, desde bolsas de estudos para graduação, cursos de curta duração, estágios remunerados ou voluntários, até a inserção em grupos de pesquisas e em redes internacionais.

Um dos primeiros *slogans* da Universidade de Caxias do Sul, “Pés na região, olhos no mundo”, define uma de suas diretrizes mais importantes, a de internacionalização. Com os pés na região, a UCS busca atender à demanda da comunidade regional⁷, oferecendo opções de vivências internacionais que viabilizam a qualificação de seus docentes e discentes. Já a atual campanha institucional reafirma a questão da inserção acadêmica internacional, ao afirmar que o movimento transforma as opções das pessoas.

Hoje, a Universidade, preocupada cada vez mais com seu processo de internacionalização e maneiras de fomentar o auxílio para missões de trabalho no exterior, bolsas de auxílio financeiro para doutorado sanduíche, capacitação em cursos de curta duração, professor visitante e pós-doutorado no exterior, integra o programa institucional de internacionalização da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Programa tem como objetivo incentivar a internacionalização de instituições de ensino superior e institutos de pesquisa no Brasil como forma de incrementar o impacto da produção acadêmica e científica realizada no âmbito dos programas de pós-graduação (PPG) com, ao menos, nota 4 na avaliação quadrienal.

Assim, visa a colaborar com o desenvolvimento de Planos Estratégicos de Internacionalização, a fim de melhorar a qualidade dos cursos de pós-graduação brasileiros e de conferir maior visibilidade à pesquisa científica realizada no Brasil, incentivar o estabelecimento de redes de pesquisa internacionais, tornar mais flexível e ampliar o apoio à internacionalização dos PPGs brasileiros, promover a mobilidade internacional de professores,

⁷ A UCS está localizada na cidade de Caxias do Sul (*Campus-sede*) e as demais unidades universitárias nas cidades de Bento Gonçalves, Vacaria, Canela, Farroupilha, Guaporé, Nova Prata e São Sebastião do Caí.

pesquisadores e estudantes de pós-graduação, além de aumentar a atratividade de professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação estrangeiros para as instituições brasileiras⁸.

A UCS internacional oferece, entre outros, o Programa de Português para Estrangeiros, cabendo à Assessoria Interinstitucional e Internacional (ARINT) da UCS, setor criado em 1986 com o objetivo de manter e ampliar a política de internacionalização institucional, coordenar atividades dessa natureza. A ARINT orienta também a comunidade acadêmica sobre as melhores oportunidades de formação no exterior, buscando sempre as que melhor se ajustam às demandas do âmbito cultural e tecnológico da região.

Consciente sobre a importância de seu posicionamento internacional, a instituição investiu na criação de seu próprio Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, o PMAI. Dessa forma, oferece oportunidades de qualificação para professores, pesquisadores e, em especial, para seus acadêmicos que, por intermédio dos mais de 250 acordos de cooperação internacional, podem optar pela realização de experiências em diversos países, por um período de seis meses.

O PMAI segue o que determina a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), n. 33/97, a qual regulamenta o afastamento de alunos dos cursos de graduação, para realizar estudos em instituições de ensino superior estrangeiras. A Resolução n. 92/00 altera o art. 3º da Resolução anterior, inserindo a opção de realização de estágios profissionais no exterior, mediante autorização e validação do coordenador de curso.

Através dos acordos de colaboração bilaterais, assinados entre a UCS e as Instituições de Ensino Superior (IES) do exterior e de incentivos de empresas privadas, são oferecidos mais de cem diferentes lugares para a realização desse período de intercâmbio, bem como candidatar-se a receber estudantes estrangeiros, oriundos de diferentes lugares do globo terrestre.

É visando a qualificar ainda mais a acolhida aos estudantes estrangeiros, recebidos pela Universidade de Caxias do Sul, que realizamos esta pesquisa.

⁸ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>>. Acesso em: 5 jul. 2018.

3 A SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE INTERCÂMBIO

As línguas não existem sem as pessoas que as falam.

(CALVET, 2002, p.12)

Este capítulo tem por objetivo apresentar as contribuições da sociolinguística no processo de recebimento de intercambistas, visando ao desenvolvimento de sua competência comunicativa. Considera-se que língua e cultura estão em estreita relação, dado que a própria língua representa um elemento cultural e que o período de intercâmbio requer uma preparação nesse sentido.

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA

Os estudos sociolinguísticos surgem como um ramo da linguística que visa a lançar luzes sobre as relações entre língua e sociedade, a partir da observação do comportamento linguístico dos sujeitos em diferentes grupos sociais, comportamento esse decorrente de fatores como, por exemplo, idade, classe social, profissão, gênero. Dessa forma, a sociolinguística institui os fundamentos para a pesquisa das variações linguísticas, comprovando que a comunicação constitui um dos mais poderosos instrumentos de ação e transformação social.

A obra *Sociolinguística: uma introdução crítica*, de Louis-Jean Calvet (2002), além de apresentar os princípios básicos da sociolinguística, mostra de que modo os mecanismos ideológicos atuam sobre ela. Nas palavras do autor:

[...] as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes. [...] A língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social, isto significa dizer que a sociolinguística é a linguística. [...] (CALVET, 2002, p. 11-12).

Para Cezario e Votre (2008), a sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. Segundo eles, a variação linguística não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos de vários tipos. Acreditando ser difícil compreender as variações linguísticas de forma isolada, fora do contexto social em que o indivíduo está inserido, Labov propõe em seus primeiros trabalhos fazer

justamente essa relação, entre os padrões linguísticos e as variáveis da estrutura social em que os falantes estão inseridos.

Em 1963, Labov publica seu primeiro estudo, analisando a comunidade da ilha de Martha Vineyard, Massachusetts/Estados Unidos, indicando os fatores sociais como responsáveis pela variação linguística. Ele mostra a relação existente entre fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e comportamento linguístico em relação à pronúncia de determinados fones do inglês. Nas palavras de Labov (2006), em suas pesquisas realizadas com imigrantes de Massachusetts: “Como regra geral, os respondentes da classe média alta e de fora da cidade mostraram maior resistência à fala da cidade, e os sujeitos da classe baixa e da classe trabalhadora mostraram uma resposta mais favorável⁹” (p. 329, tradução nossa).

Essa afirmação demonstra que realmente há uma imposição social que faz com as pessoas de classes mais baixas como, por exemplo, a dos trabalhadores, sintam necessidade de mudar o seu sotaque ou forma de falar. Somente assim, deixando de lado as marcas da oralidade de sua origem, eles poderiam ter um pouco mais de aceitação por parte das classes dominantes, deixando de serem vistos como meros imigrantes, passando a ser membros da mesma sociedade. Para eles, a forma de falar é um dos meios de legitimar o sentimento de pertença à localidade.

Em 1964, Labov realiza um estudo sobre a estratificação social do inglês em Nova Iorque, a partir do qual fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidade urbana, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Ele traz o depoimento de uma mulher da Pensilvânia que foi morar em Nova Iorque para trabalhar. Segundo ele, uma das falas dela refere que: “Quando sua tia disse que ela falava como uma nova-iorquina, ela a elogiou como um verdadeiro nova-iorquino nunca o fez (LABOV, 2006, p. 329, tradução nossa)¹⁰.

Ao observar esse caso, mais uma vez, vemos a relevância que o sotaque linguístico representa para que alguém se sinta parte de um grupo. A mulher que foi viver em Nova Iorque, certamente gostaria que seus amigos, colegas de trabalho e outras pessoas nativas da localidade com as quais ela convivia a vissem como uma igual e não como uma “intrusa”. Foi por esse motivo que ela ficou bastante contente quando sua tia comentou que ela já falava como uma

9 No original: As a rule, upper middle class respondents from out-of-town showed the most resistance to the speech of the city, and lower class and working class subjects showed a more favorable response. *The social stratification of english in New York City*. 2. ed. Cambridge, 2006.

10 No original: When her aunt back home said that she spoke like a New Yorker, she took it as a compliment, whit a true New Yorker would never have done. *The social stratification of english in New York City*. 2. ed. Cambridge.

nova-iorquina, pois isso serviu para que ela pudesse compreender que finalmente havia conseguido firmar a identidade que almejava.

No caso de intercambistas, podemos inferir que algo semelhante acontece. Embora não estejam fixando residência em outro país, no período de estada para estudos, o aluno estrangeiro, em geral, também almeja utilizar o novo idioma de forma muito próxima à do falante nativo, e esse desejo poderia levar à insegurança linguística.

A sociolinguística que Labov (2008) propõe tem como propósito estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade. Sendo assim, a sociolinguística laboviana¹¹ tem como propósito o estudo do uso da língua, no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística. Segundo Figueroa (1996), Labov vai discordar de Saussure e de Chomsky, pois ambos acreditam na homogeneidade do objeto linguístico e ignoram a heterogeneidade, considerando a fala como caótica e desmotivada. A partir dos estudos de Labov, Figueroa defende um novo modo de fazer linguística, estudando empiricamente as comunidades de fala.

Ou seja, para explicar qualquer mudança, é necessário saber os fatos e porque aconteceram. Na perspectiva de Labov (2008), não existem falantes com um estilo único, todos demonstram variação fonológica e sintática e, curiosamente, aqueles que mais usam na fala casual formas estigmatizadas são os que mais estigmatizam a fala de outras pessoas.

Em razão disso, a pesquisa sociolinguística caracteriza-se por sua metodologia empírica, ou seja, parte de dados reais, produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, captados pelo procedimento de entrevistas sociolinguísticas¹². No entanto, essa coleta de dados não é fácil e nem rápida, por isso, alguns bancos de dados¹³ costumam ser utilizados para esse tipo de pesquisa. Esse é o caso, por exemplo, do projeto *Atlas of North American English* de

11 Teoria Laboviana é como ficou conhecida a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que tem por objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala e propõe refletirmos sobre a relação de língua e sociedade, analisar linguisticamente as variáveis condicionadas por fatores linguísticos minimizando os preconceitos vigentes na sociedade. William Labov acredita que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala (LABOV, 2008).

12 As entrevistas sociolinguísticas são caracterizadas pela peculiaridade do método, que visa a diminuir/evitar o que Labov (2008) chama de paradoxo do observador. O interesse da sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento de fala. O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível.

13 A Revista Eletrônica de Linguística (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799, disponibiliza acesso a mais dois bancos de dados sociolinguísticos. O projeto PEUL (Programa de estudos sobre o uso da língua – Rio de Janeiro) e o Projeto VARSUL (Variação linguística urbana da região sul do Brasil). Disponível em: <>. Acesso em: 14 outubro 2018.

Labov¹⁴, um atlas fonológico criado para fornecer uma visão geral do atual desenvolvimento de dialetos norte-americanos em áreas urbanizadas. Os estudos referentes à descrição e análise linguísticas baseadas nessa linha de estudos vêm contribuindo para o desenvolvimento do uso linguístico atrelado a contextos sociais, afinal, se a língua é um fato social, a linguística, conseqüentemente, é a sociolinguística.

Dois coisas nos ficam claras até o momento, pelas leituras feitas: (a) linguagem e cultura não deveriam ser estudadas isoladamente; e (b) a língua é um fato social¹⁵. As reflexões que trazemos objetivam colaborar com a proposta desta dissertação no que tange principalmente às atividades linguísticas e culturais voltadas a alunos estrangeiros.

Nesse sentido, o presente estudo intenta contribuir para o desenvolvimento de habilidades de uso da língua portuguesa, por meio da proposição de atividades a ser aplicadas aos alunos de intercâmbio, oportunizando o aprimoramento de suas competências comunicativas durante o período de permanência no Brasil, agregando uma visão mais flexível em relação às diferenças culturais e sociais, bem como compreendendo como a aprendizagem de um novo idioma interfere no processo de aprendizagem e desenvolvimento de suas competências em uma totalidade.

3.2 INSEGURANÇA LINGUÍSTICA

Muitos de nós já tivemos a experiência de precisar nos comunicar em outro idioma e de nos sentirmos um tanto constrangidos devido ao pouco ou nenhum conhecimento deste, seja em uma viagem de turismo, estudo ou trabalho. Isso acontece também quando recebemos em nosso país pessoas de outros países. Em geral, buscamos nos comunicar com o conhecimento que temos da língua ou recorremos a outras formas de comunicação. Além disso, devido ao fato de não conhecermos bem o outro idioma, acabamos evitando de falá-lo, isto é, nos sentimos inseguros linguisticamente.

William Labov, em sua obra *The Social Stratification of English in New York City* (2006) aborda a questão da insegurança linguística. Segundo ele:

O desenvolvimento da insegurança linguística acompanhou o desenvolvimento da doutrina da correção. No décimo sétimo e décimo oitavo século, muitos membros em ascensão da classe média inglesa se viram em situações sociais nas quais seus padrões

14 The Phonological Atlas is designed to give an overview of the current development of North American dialects in urbanized areas, and to provide the basis for more detailed studies of particular areas. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/phono_atlas/home.html>. Acesso em: 14 outubro 2018.

15 O conceito de fato social será retomado na subseção 3.2.

de fala nativos não eram apropriados. Foi esse aspecto da mobilidade social que criou a necessidade de uma doutrina de correção, e levou à elevação do professor e do dicionário como autoridades de fala na Inglaterra e na América (LABOV, 2006, p. 318, tradução nossa)¹⁶.

De acordo com o que é dito por Labov (2006), podemos inferir que um provável elemento responsável pela insegurança linguística nas situações de intercâmbio, possa ser o receio da não aceitação, dado que a correção linguística, em geral, está associada a questões sociais. No caso, por exemplo, de um brasileiro que faça um intercâmbio para um país da Europa, é possível que este se sinta inseguro linguisticamente, considerando que seu país de origem é reconhecido como um país menos desenvolvido, logo, socialmente inferior.

A insegurança linguística pode ocorrer nas mais variadas situações: com colegas de universidade, na relação com professores, nas relações sociais ou até mesmo cotidianas, como ir ao supermercado, farmácia ou pegar um ônibus.

Labov (2006), em suas pesquisas realizadas com falantes nova-iorquinos de classe média baixa, percebeu que o aspecto fonológico é um dos responsáveis por essa insegurança, além disso, muitas das regras gramaticais aprendidas do idioma sequer estão internalizadas, sendo assim, esses e outros fatos levam o falante a situações de hipercorreção, o que também revelaria sua classe social. Seus estudos descrevem que, para a pequena burguesia nova-iorquina, a percepção equivocada que o falante tem de seu próprio discurso, assim como as mudanças estilísticas e o cuidado no emprego feito por algumas pessoas de traços linguísticos estigmatizados, também levam à insegurança linguística.

Calvet (2002) refere que há insegurança linguística no momento em que o falante atribui pouco valor à sua maneira de falar, tendo em mente um modelo de maior prestígio, o qual não utiliza. Para ele, na sociedade, há modos de ver a língua, ou seja, normas partilhadas de acordo com determinadas variedades sociais, responsáveis por motivar múltiplos sentimentos, comportamentos e atitudes.

As questões apresentadas por Labov (2006) e Calvet (2002) são importantes quando se quer pensar em intercâmbios, situações nas quais o falante se verá diante de um novo idioma e também de uma nova cultura e, portanto, diante de diferentes formas de valorizar a correção linguística, isto é, o emprego da norma prestigiada, a norma padrão.

16 No original: “The development of linguistic insecurity has accompanied the development of the doctrine of correctness. In the seventeenth and eighteenth century, many rising members of the English middle class found themselves in social situations where their native speech patterns were not appropriate. It was this aspect of social mobility which created a need for a doctrine of correctness, and led to the elevation of the schoolmaster and the dictionary as authorities for speech in both England and America (LABOV, 2006, p. 318).

Em vista dessa supervalorização da norma padrão, na subseção a seguir, abordaremos o que é e o que representa essa norma nas relações sociais.

3.3 A NORMA E A LÍNGUA

Na seção anterior, falamos sobre a insegurança linguística, fator que se faz presente nas diferentes situações de interação comunicativa. Nesse estudo, a insegurança poderia ser entendida como uma relação entre a dúvida das escolhas linguísticas e o medo da não aceitação; mas qual seria a razão desse sentimento quando se pensa o uso da língua?

Para responder a essa pergunta, iniciamos por Durkheim (2007) que, ao definir o fato social como o objeto da sociologia, permite-nos ver a língua também como um fato social. Para ele, os fatos sociais são, pois:

maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam essa notável propriedade de existirem fora das consciências individuais. Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não (DURKHEIM, 2007, p. 2).

Com base no que diz Durkheim, é possível entender a língua também como uma norma social, isto é, algo convencionado por uma comunidade linguística aceita por aqueles que fazem parte desse grupo. Por partilharem desse mesmo ponto de vista, os autores Bagno (2001, 2002, 2003 e 2008), Faraco (2008), Coseriu (1992) e Lucchesi (2012) reafirmam a importância de considerarmos a língua como um instrumento de comunicação, a partir do qual as pessoas constituem sentido e assim interagem, sujeitos a normas e convenções sociais.

Por norma, entende-se o uso padrão de uma determinada língua dentro de uma comunidade linguística. Mas o que se considera certo ou errado dentro dessa “norma social e linguística”, ou qual o tipo de norma devemos seguir, no caso de existirem variações? Na concepção de alguns autores, norma não se resume a um único tipo, tão pouco pode ser considerada tão simples assim. Bagno (2001), por exemplo, diz que norma só pode ser bem aprendida e analisada, se recorrermos não somente ao ponto de vista linguístico, mas a outros fatores como o antropológico, histórico, sociológico, dentre outros.

Lucchesi (2012) vê a norma linguística como relevante para a teoria linguística, considerando os padrões coletivos de comportamentos linguísticos, responsáveis por definir “tanto os grupos dentro da comunidade de fala quanto a posição do indivíduo dentro dos

diversos estratos sociais” (p. 57). Ou seja, para ele a norma define com quem nos comunicamos, o papel que ocupamos e a qual classe social pertencemos.

Coseriu (1992) propõe uma distinção entre *sistema*, *norma* e *fala* a partir da dicotomia *língua/fala* estabelecida por Saussure. Segundo ele, é possível concluir que a noção saussuriana de *língua* comporta os conceitos de *sistema* e de *norma*. Em sua dimensão de sistema abstrato de oposições funcionais, a língua seria chamada de sistema e norma, portanto a realização coletiva do sistema. A norma seria um sistema de imposições sociais e culturais que variam, evidentemente, de acordo com a comunidade em que os sujeitos estão inseridos.

A distinção entre norma e sistema, nas palavras de Coseriu, esclarece melhor o funcionamento da linguagem, a atividade linguística que é, ao mesmo tempo, criação e repetição dentro dos limites e segundo as coordenadas do sistema funcional. Podemos dizer então que a atividade linguística, que se concretiza na fala (terceiro elemento da divisão tripartida proposta por Coseriu)¹⁷, realiza um movimento direcionado pela norma dentro das livres possibilidades oferecidas pelo sistema.

Faz-se necessário entendermos também outros conceitos, como de *norma social*, *norma culta* e *norma padrão* da língua, baseados em gramáticas e nos estudos de senso comum dos linguistas, no que se refere à maneira correta ou não de escrever e falar. Para o senso comum, a norma culta é a norma que tem mais ampla circulação na sociedade, ou seja, é um conjunto de regras e preceitos descritos na gramática. Os gramáticos tentam preservar esses usos, compondo com um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseja usar a língua de maneira correta.

Partindo do princípio de que todo comportamento linguístico segue regras¹⁸, os linguistas buscam então descobrir, descrever e explicar o funcionamento dessas regras. Por sua vez, na língua, em sendo um conjunto de regras variáveis ou não, a noção de certo ou errado fica reservada ao ponto de vista de emprego linguístico, pois fica suscetível ao usuário e a todos os fatores sociais que influenciam no momento de emprego em dado contexto de interação. Labov (1973), no estudo realizado com os negros em Nova Iorque, demonstra como, por um lado, o grupo social estimula fortemente o conformismo gramatical, e por outro, que o fato de

17 Coseriu distingue norma (o que é usual do sistema) de sistema. Para formar seu conceito de norma e sistema, baseou-se no falar concreto, distinguindo diferentes graus de abstração e formalização. A fala seria a realização individual do que é possível na língua, a norma, por sua vez, é o que se realiza efetivamente, uma limitação do sistema (1992, p.68).

18 “Regra designa todo princípio de composição do enunciado linguístico que o falante percebe como gramatical.” (BAGNO, 2001, p.154).

ser excluído do grupo e condicionado à interação restrita, reflete diretamente na gramática desse indivíduo¹⁹.

Bagno (2002) apresenta duas distinções bem importantes entre norma culta e norma padrão, para mais tarde em suas pesquisas no Brasil retomar as questões referentes à norma culta. Para ele, norma culta deve ser entendida como a norma linguística praticada em determinadas situações, por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita e pelos grupos que controlam o poder social, ou seja, a norma culta deve ser utilizada pelas pessoas mais abonadas, letradas ou com maior acesso cultural. Já a norma padrão, nas palavras do autor, é certamente das mais complexas no campo das investigações linguísticas, pois está vinculada estreitamente às práticas socioculturais que constituem o que se pode chamar de cultura letrada, ou seja, toda e qualquer prática ligada às normas linguísticas gramaticais.

O autor (2003) refere que as pesquisas científicas feitas no Brasil nos últimos trinta anos têm revelado que existe uma diferença muito grande entre o que as pessoas em geral chamam de norma culta, inspiradas na longa tradição gramatical e o que os pesquisadores chamam de norma culta, um termo técnico para designar formas linguísticas que existem na realidade social. Essa diferença se reflete também no posicionamento das pessoas diante dos fatos linguísticos cotidianos.

Destaca ainda que a norma culta abriga um conjunto de variedades sociolinguísticas empiricamente coletáveis, expressão da atividade languageira das cidadãs e dos cidadãos de vivência urbana e elevado grau de letramento. Ou seja, a atividade linguística, por ser um comportamento social, está sujeita às mesmas dinâmicas que regulam e desregulam todas as demais práticas sociais. Por ser uma construção sociocultural, dificilmente as variações linguísticas são empregadas em sua totalidade, mas, acredita-se que os falantes, terão conhecimento dessas variações, mesmo não as empregando cotidianamente (BAGNO, 2002). Faraco (2008) também distingue a norma culta da norma padrão. Conhecida a relação estreita que há entre norma, no sentido dado por Coseriu (1992) a esse termo, e sociedade, Faraco assevera que a norma culta

[...] deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social [...] (FARACO, 2005, p. 40).

19 Identifica-se esse fato como o princípio de interação social da língua, permitindo abordar, entre outros, o problema do aprendizado das línguas estrangeiras. Na medida em que a aquisição de uma língua é resultado do processo de interação do indivíduo numa rede de comunicação com os falantes nativos da língua alvo (BAGNO, 2001, p.161).

Feltes (1987) em seu estudo *Competência Comunicativa*, faz uma revisão bibliográfica de diferentes autores, abordando também as competências linguísticas e sociolinguísticas. Nas palavras da autora, a dinâmica cultural da língua pode compreender a relação entre os falantes e os vários tipos de norma.

Segundo a autora, a linguística elenca cinco diferentes tipos de norma:

(1) norma culta, seria o ideal linguístico de uma comunidade; (2) norma padrão, ou norma escolar, regula a fala das pessoas; (3) norma popular, linguagem utilizada de modo geral pela maioria das pessoas, maior grau de informalidade; (4) norma comum, abrange os dialetos sociais, sendo esses dialetos, variações socioculturais da linguagem, em relação ao tipo de falante ou grupos de falantes; e (5) normas linguísticas, transformações dos dialetos sociais em convenções linguísticas tácitas admitidas pelos grupos (FELTES, 1987, p.21).

É preciso não perder de vista que não só a língua materna é aprendida pelo viés da norma padrão, ao se aprender um novo idioma, essa aprendizagem também se dá por essa norma. Não queremos dizer com isso que aprender a norma padrão seja um problema, o que queremos mostrar é que no cotidiano o uso da língua está sujeito a diversas variedades linguísticas, o que torna a comunicação no contexto de outro país um pouco mais difícil, uma vez que, afora em situações formais, a maneira como os usuários falam está sujeita à diversidade de variedades linguísticas, oriundas de fatores como: gênero, grau de instrução, nível social, entre outros.

Diante do exposto, percebe-se o quanto a mudança de cultura e de idioma é significativa no processo de intercâmbio e que a proposição de atividades para a inserção do intercambista nesse novo cenário se faz necessária.

Além disso, é preciso considerar que a aprendizagem de línguas estrangeiras também encontra suporte no que é proposto pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas, questão que será abordada a seguir.

3.4 QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA LÍNGUAS: NÍVEIS LINGUÍSTICOS DO MARCO COMUM EUROPEU

Após as primeiras observações, baseadas na sociolinguística, que atentaram para questões de como as diferenças sociais interferem no desenvolvimento linguístico do indivíduo, surge uma nova preocupação, a de como gerenciar a comunicação entre as diferentes línguas e culturas, além de buscar uma maneira de padronizar o nível de conhecimento após a intensificação dos processos de globalização. Com o objetivo de fazer uma reflexão sobre o ensino de língua e o desenvolvimento de competências comunicativas do indivíduo para

facilitar a troca entre professor e aprendiz, e qualificar a comunicação entre os envolvidos, é publicado em 2001 o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCER).

No âmbito universitário, além de nortear a aprendizagem e o ensino de línguas ele vem sendo utilizado em programas de internacionalização, pois determina o padrão adotado internacionalmente para descrever a proficiência em um idioma. Definido pelo Conselho da Europa, com o intuito de promover e fomentar a diversidade linguística cultural, busca proporcionar que todos os estudantes desenvolvam suas competências comunicativas de maneira uniforme. Em respeito a isso, a Assessoria Internacional da UCS sugere a todos os alunos estrangeiros, que queiram realizar seu intercâmbio no Brasil, que tenham conhecimento nível B1 da língua portuguesa brasileira, que, de acordo com o QCER, caracteriza-se pela capacidade do estudante de interagir com as pessoas a sua volta e pela sua flexibilidade em lidar com situações rotineiras. Diante disso, nosso foco, com relação ao que propõe o Quadro, recairá sobre esse nível.

O Conselho da Europa:

Descreve exhaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de se comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua atuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua [...]. Numa abordagem intercultural, é objetivo central da educação em língua promover o desenvolvimento desejável da personalidade do aprendente no seu todo, bem como o seu sentido de identidade, em resposta à experiência enriquecedora da diferença na língua e na cultura. (QCER, 2001 p. 19).

Além de elementos linguísticos, as habilidades descritas no QCER incluem aspectos culturais relacionados aos idiomas. O quadro é dividido em três categorias, sendo que cada categoria apresenta duas subdivisões que guiam a classificação das competências dos aprendizes/utilizadores em provas de nivelamento para processos de seleção acadêmica, são elas: categoria A – Básico: (A1) iniciante e (A2) Básico; categoria B – Independente: (B1) Intermediário e (B2) Usuário Independente; e categoria C – Proficiente: (C1) Proficiência operativa eficaz e (C2) Domínio Pleno. O nível B1, ou nível Intermediário, caracteriza-se pela capacidade de manter a interação e chegar ao que se quer em um contexto variado, além de flexibilizar situações diárias. Vejamos o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Níveis Comuns de Referência: escala global

Utilizador Proficiente	C2	É capaz de compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê. É capaz de resumir as informações recolhidas em diversas fontes orais e escritas, reconstruindo argumentos e fatos de um modo coerente. É capaz de se exprimir espontaneamente de um modo fluente e com exatidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado em situações complexas.
	C1	É capaz de compreender um vasto número de textos longos e exigentes, reconhecendo os seus significados implícitos. É capaz de exprimir de forma fluente e espontânea sem precisar de procurar muito as palavras. É capaz de usar a língua de modo flexível e eficaz para fins sociais, académicos e profissionais. Pode exprimir-se sobre temas complexos, de forma clara e bem estruturada, manifestando o domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão de discurso
Utilizador Independente	B2	É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstratos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de se comunicar com um certo grau de espontaneidade e de estar à vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de exprimir-se de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da atualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.
	B1	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.) É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projeto.
Utilizador Elementar	A2	É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e direta sobre assuntos que lhe são familiares e habituais. Pode descrever de modo simples a sua formação, o meio circundante e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.
	A1	É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Fonte: (QCER, 2001, p. 49, adaptado).

O quadro2 apresenta as habilidades que o aluno deve ter desenvolvidas em cada um dos níveis. Ele fornece uma base padronizada para a elaboração de programas de línguas, o que não significa restringir os profissionais da área à sua utilização. Nele também são abordados os conceitos de bilinguismo, plurilinguismo, competências gerais e competência comunicativa em língua que, por sua vez, compreende as competências linguística, sociolinguística e pragmática, sendo as duas primeiras os tópicos de interesse neste estudo.

Quadro 2 - Habilidades a serem desenvolvidas do Nível B1

Nível	Compreender		Falar		Escrever
	Compreensão auditiva	Compreensão de leitura	Interação oral	Expressão oral	Expressão escrita
B1	<p>Compreendo as ideias principais quando o discurso é claro e normal e se tratam assuntos cotidianos que têm lugar no trabalho, na escola, durante o tempo de ócio etc.</p> <p>Compreendo a ideia principal de muitos programas de rádio ou televisão que tratam temas atuais ou assuntos de interesse pessoal ou profissional, quando a articulação é relativamente lenta e clara.</p>	<p>Compreendo textos escritos numa linguagem de uso habitual e cotidiano ou relacionadas com o trabalho.</p> <p>Compreendo a descrição de acontecimentos, sentimentos e desejos em cartas pessoais.</p>	<p>Sei desenvolver-me em quase todas as situações que se me apresentam quando viajo para onde se fala essa língua.</p> <p>Posso participar espontaneamente numa conversa que trate temas cotidianos de interesse pessoal ou que sejam pertinentes para a vida diária (por exemplo, família, hobbies, trabalho, viagens e acontecimentos atuais).</p>	<p>Sei relacionar frases de maneira simples com o fim de descrever experiências e fatos, meus sonhos, esperanças e ambições.</p> <p>Posso explicar e justificar brevemente as minhas opiniões e projetos. Sei narrar uma história ou relato, o enredo de um livro ou filme e posso descrever as minhas reações.</p>	<p>Sou capaz de escrever textos simples e bem relacionados sobre temas que são conhecidos por mim ou de interesse pessoal.</p> <p>Posso escrever cartas pessoais que descrevam experiências e impressões.</p>
B2	<p>Compreendo discursos e conferências extensas e inclusive sigo linhas argumentais complexas sempre que o tema seja relativamente bem conhecido.</p> <p>Compreendo quase todas as notícias na televisão e os programas sobre temas atuais.</p> <p>Compreendo a maioria dos filmes que são falados num nível de linguagem padrão.</p>	<p>Sou capaz de ler artigos e reportagens relacionadas com problemas contemporâneos em que os autores adotam posturas ou pontos de vista concretos.</p> <p>Compreendo a prosa literária contemporânea.</p>	<p>Posso participar numa conversa com certa fluência e espontaneidade, o que possibilita a comunicação normal com falantes nativos.</p> <p>Posso tomar parte ativa em debates desenvolvidos em situações cotidianas, explicando e defendendo os meus pontos de vista.</p>	<p>Apresento descrições claras e detalhadas de uma ampla série de temas relacionados com a minha especialidade. Sei explicar um ponto de vista sobre um tema expondo as vantagens e desvantagens de várias opções.</p>	<p>Sou capaz de escrever textos claros e detalhados sobre uma ampla série de temas relacionados com os meus interesses. Posso escrever redações ou relatórios, transmitindo informação ou propondo motivos que apoiem ou refutem um ponto de vista concreto. Sei escrever cartas que destacam a importância que dou a determinados fatos e experiências.</p>

Fonte: (QCER, 2001, p. 49, adaptado).

Observa-se que as competências gerais, por mais que tenham cada uma sua definição, estão interligadas, pois tratam da relação entre os aspectos linguísticos e socioculturais. Abrangem conhecimento de mundo, conhecimento sociocultural e consciência intercultural, ou seja, o conhecimento da cultura e da língua onde ela é falada. Segundo o QCER (2001, p. 150):

Os utilizadores do Quadro podem querer considerar e, sempre que seja apropriado, explicitar em relação ao aprendente: que conhecimentos socioculturais é suposto ele ter/se espera ou exija que tenha; que nova experiência e que novo conhecimento da vida em sociedade na sua comunidade, assim como no da comunidade-alvo, precisará ele de adquirir, de modo a responder às exigências da comunicação em L2; que consciência da relação entre a sua cultura de origem e a cultura-alvo precisará ele de ter, a fim de desenvolver uma competência intercultural apropriada.

As competências comunicativas em língua, por sua vez, contemplam as questões pragmáticas, linguísticas e sociolinguísticas. De acordo com o QCER, por competência pragmática, entende-se o conhecimento, pelo usuário da língua, dos princípios de acordo com os quais as mensagens são organizadas, ou seja, a competência discursiva, que é a capacidade do usuário de organizar frases em sequência e utilizá-las para a realização de funções comunicativas.

A competência linguística, composta pelos elementos lexicais, gramaticais, semânticos, fonológicos, ortográficos e ortoépicas, define-se como o conhecimento de recursos formais a partir dos quais se podem elaborar e formular mensagens corretas e significativas, bem como a capacidade de empregá-las (QCER, 2001). Cada um desses elementos sugere novas capacidades que devem ser observadas detalhadamente. Anteriormente, de forma genérica, explicitamos as subdivisões de cada categoria, buscando contemplar o que se refere às competências sociolinguística e comunicativa.

Entendemos que, para estudar uma língua, devemos levar em consideração informações sobre variações linguísticas, classes sociais, grupos étnicos, sexo, faixa etária, dentre outros aspectos dos falantes, ou seja, deve-se levar em consideração suas especificidades. De acordo com o que propõe o QCER, ser competente sociolinguisticamente significa desenvolver a capacidade de identificar e utilizar marcadores linguísticos de relações sociais como, por exemplo, o grau de proximidade ou informalidade entre os falantes durante o discurso, as regras de polidez entre uma cultura e outra, expressões de sabedoria popular, os dialetos/sotaque e diferença de registro de formalidade²⁰.

Considerando que, nesta dissertação, o nível em questão é o B1, apresentamos a seguir, no quadro 3, os descritores²¹ apresentados no QCER para esse nível.

20 O que no QCER é considerado descritores, para nós é entendido como competências a serem desenvolvidas pelo aprendiz de língua estrangeira.

21 O que no QCER é considerado descritores, para nós é entendido como competências a serem desenvolvidas pelo aprendiz de língua estrangeira.

Quadro 3 - Descritores do Nível B1

Nível B1 Utilizador Independente	É capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projeto.
-------------------------------------	--

Fonte: (QCER, 2001, p. 49, adaptado).

A razão de detalhar o que é proposto pelo Quadro para o Nível B1 é que esses descritores serão considerados no momento de propormos atividades a serem desenvolvidas para os alunos intercambistas recebidos no Brasil, pois, em sendo tratando de um material de referência para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira, respeitar suas proposições, garante, de certa forma, que as atividades possam atingir seus objetivos.

3.5 COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Entende-se por competência comunicativa o conjunto de capacidades e habilidades que devemos desenvolver enquanto seres humanos, para nos comunicarmos e interagirmos com outros indivíduos, além de ser considerado pelo Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas um dos seus fundamentos teóricos. Por sua vez, o avanço da globalização consolida-se cada vez mais na diversidade linguística e cultural dos envolvidos nesse processo, proporcionando que o conhecimento se torne global e de acesso instantâneo. Nesse sentido, com a fluidez da comunicação globalizada, o desenvolvimento da competência comunicativa torna-se ainda mais necessário, para nos fazermos entender por falantes de diferentes línguas.

O que pretendemos é possibilitar o desenvolvimento da competência comunicativa e fazer com que os estudantes de intercâmbio, durante sua estada na UCS, compartilhem seus conhecimentos linguísticos e culturais e adquiram novos.

Os estudos de Dell Hymes (1995) revelam-se importantes em relação à competência chomskyana e o início do desenvolvimento da noção de competência comunicativa, pois transcende o conceito de competência linguística do paradigma generativo, limitada à condição de gramatical, na medida em que a competência do falante é concebida como um conjunto de conhecimentos e habilidades linguísticas, sociolinguísticas, estratégicas e discursivas que se põem em jogo num acontecimento comunicativo. Nas palavras do autor:

Não se trata que exista um corpo de teoria lingüística para o qual a investigação prática possa ser direcionado e, meramente, tenha que ser aplicada, mas sim que o trabalho motivado pelas necessidades práticas pode ajudar na construção da teoria que é necessário (HYMES1995, p. 27, tradução nossa)²².

O desenvolvimento dessa competência é reforçado pela experiência social, pelas motivações de situações cotidianas, ou seja, o engajamento da língua na vida social tem um aspecto positivo e produtivo. Para o autor, a competência comunicativa está associada à língua, à comunicação e à cultura.

Eugenio Coseriu, por sua vez, propõe resumidamente, com sua teoria, em 1955, a teoria geral do saber falar, marco de referência de toda sua produção científica. O conceito de saber lingüístico de Coseriu (1992) nasce a partir de uma reflexão da teoria que tinha como objeto superar as reformulações estabelecidas em relação às distinções fundamentais que sustentavam uma abordagem de garantia para solucionar qualquer problema lingüístico, particular ou generalizado, da complexa realidade da linguagem. As distinções básicas que ele faz são baseadas no saber intuitivo de qualquer falante de qualquer língua.

Para ele, qualquer falante pode distinguir intuitivamente três níveis de linguagem: o universal, o histórico e o individual; portanto, o grau da linguagem, determina o grau da fala. Num primeiro nível, todos os homens adultos falam, mas essa atividade se limita às normas históricas de uma tradição idiomática de uma determinada comunidade. Cada grau da linguagem corresponde a uma norma de “correção” e, conseqüentemente, a um tipo de saber lingüístico. O falar em geral, considerado no plano universal, realiza-se de acordo com uma técnica universal que pode ser chamada de saber elocucional.

Ao referir a fala de um estrangeiro, Coseriu (1992) salienta que, embora sua fala se apresente perfeitamente correta no ponto de vista da língua, pode não satisfazer o critério da adequação, isto é: “a competência textual é autônoma frente a competência lingüística particular”²³ (p. 198).

Coseriu (1992) sinaliza alguns dos princípios que fazem parte do saber elocucional, como a exigência de clareza, a coerência e a não contradição. Não obstante, todos esses princípios, mais tarde, são divididos em dois tipos de conhecimento: os princípios gerais do pensar humano e o conhecimento de mundo.

22 No original: “No se trata de que exista un cuerpo de teoría lingüística al que la investigación práctica pueda remitirse y, meramente, tenga que aplicarse, sino, más bien, de que el trabajo motivado por las necesidades prácticas pueda ayudar a la construcción de la teoría que nos resulta necesaria (HYMES, 1995, p. 27).

23 No original: “la competencia textual es autónoma frente a la competencia lingüística particular (COSERIU, 1992, p. 198).

Sinteticamente, para Coseriu (1992), poder-se-ia pensar um modelo de competência comunicativa tendo em conta níveis de linguagem, saberes linguísticos, tipos de julgamentos de conformidade e conteúdos linguísticos conforme descrito no quadro 4.

Quadro 4 - Representação do Modelo de Competência Comunicativa

Níveis	Ponto de vista		
	Saberes	Atividades	Produto
Universal	elocutivo	Falar no geral	designação
Histórico	idiomático	Lingua em particular	significado
Individual	expressivo	Discurso	texto

Fonte: (COSERIU, 1992, p. 92, adaptado)

Esse modelo nos permite vislumbrar o que poderia ser a competência ideal na língua materna ou na língua estrangeira. Também há de se levar em consideração as limitações tanto do falante estrangeiro, como do falante nativo, de maneira que se percebe que a competência considerada ideal conta não somente com o conhecimento adquirido de modo natural ou inconsciente, mas também com o desenvolvido durante o processo de aquisição de conhecimento.

4 MÉTODO E PROPOSTAS DE ATIVIDADES PARA PMAI E PPE DA UCS

“A língua é, na prática diária, um comportamento do ser humano, análogo aos demais comportamentos sociais.”
(CORBEIL, 2001, p.175)

Neste capítulo, apresenta-se o método de pesquisa, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (PMAI) da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e o Programa de Português para Estrangeiros (PPE), em especial o Curso de Português Brasileiro (CPB), destinado aos estudantes de intercâmbio da Instituição.

A partir disso, são propostas cinco atividades voltadas aos intercambistas da Universidade de Caxias do Sul. Essas atividades têm o objetivo de colaborar com o desenvolvimento de habilidades linguísticas, bem como dar a conhecer um pouco mais sobre a cultura local, regional e nacional, a fim de reduzir possíveis inseguranças no uso da língua no contexto de imersão linguístico-cultural.

4.1 ESTUDO DE CASO

A pesquisa aqui empreendida tem como método o estudo de caso, pois se baseia em informações documentais, que nos servem de ponto de partida para a proposição de atividades capazes de colaborar e incrementar o trabalho que hoje é desenvolvido pelo PMAI e pelo PPE.

De acordo com Yin (2001), realizar um estudo de caso possibilita apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso real. Assim, o estudo de caso “surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (p. 21) e, no caso específico desta pesquisa, compreender como se dá o processo de recebimento e acolhimento de intercambistas para então propor atividades capazes de colaborar no desenvolvimento de novas aprendizagens.

Segundo Yin (2001), esse método permite responder a questões do tipo “como?” e “por quê”. Nas palavras do autor, “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas” (YIN, 2001, p. 32), ou seja, é uma estratégia de pesquisa que busca examinar uma situação atual dentro do contexto em que está inserida.

Yin (2001) defende que há, pelo menos, cinco situações em que o estudo de caso se aplica: (1) para explicar vínculos causais em intervenções na vida real que são muito complexos

para estratégias experimentais; (2) para descrever intervenções no contexto em que ocorrem; (3) para ilustrar determinados tópicos em uma investigação; (4) para explorar uma situação complexa de resultados; e (5) como uma forma de meta-avaliação de determinados processos.

Pautando-nos pelas proposições desse autor, desenvolvemos uma pesquisa em que são coletadas e descritas informações sobre o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e o Programa de Português para Estrangeiros da UCS para, na sequência, apresentar propostas de atividades que promovam uma maior integração entre o aluno de intercâmbio e a comunidade local. Essas atividades objetivam promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas e culturais dos alunos estrangeiros que realizam um período de intercâmbio na Universidade de Caxias do Sul.

A seguir são apresentados o programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (PMAI) e o Programa de Português para Estrangeiros.

4.2 PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: CONTEXTO DA PESQUISA

O PMAI da UCS viabiliza, entre outras coisas, o registro do número de estudantes estrangeiros que chegam à Instituição para realizar seu intercâmbio e o registro de alunos brasileiros que viajam ao exterior para realizar essa experiência. Detemo-nos nesta análise principalmente na parte do Programa responsável pelo recebimento de intercambistas vindos de instituições de ensino superior estrangeiras.

Segundo base de dados da Assessoria Internacional, atualizada em julho de 2018, a UCS conta com mais de 216 convênios de mobilidade acadêmica internacional, assinados com instituições de ensino superior estrangeiras, possibilitando diversas oportunidades de estudos, dada sua inserção em redes internacionais de cooperação acadêmica.

O Programa segue o que é estabelecido na Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE – nº 33/97, que regulamenta a concessão de afastamento de alunos de cursos de graduação para realizar estudos em instituições de ensino superior estrangeiras. O PMAI é uma das maneiras de a Instituição buscar ainda mais a qualificação acadêmica institucional, fomentando a construção, a implementação e a consolidação de planos estratégicos de internacionalização das instituições de ensino.

Segundo o Guia para Estudantes Estrangeiros (2009), o principal objetivo do Programa é possibilitar a alunos, professores e gestores o compartilhamento de uma experiência internacional, fazendo com que a instituição abra suas portas para se tornar conhecida,

apreciada e respeitada, conquistando seu espaço diante do panorama nacional e internacional de ensino superior.

De acordo com o Programa, os alunos estrangeiros recebidos podem realizar um período de seis meses de intercâmbio, que pode ser estendido por até um ano. É facultado a eles realizarem somente o Curso de Português para Estrangeiros com uma carga horária específica, que varia conforme o semestre (de 30 ou 60 horas). Dessa forma, os alunos poderão usufruir de uma experiência acadêmica internacional, desenvolvendo suas habilidades pessoais, culturais, linguísticas e profissionais. Sua inserção em uma nova cultura, o convívio com pessoas de outras nacionalidades, e a imersão na língua portuguesa garantirão ao estudante que a experiência de sair do seu país de origem contribuirá para sua trajetória de vida, tornando-o mais competente e competitivo e mais preparado para os desafios do mercado global.

Geralmente, os acadêmicos estrangeiros optam por estudar no *Campus* Sede por favorecer a execução dos processos de registro acadêmico, registro de imigração e pela proximidade com a Assessoria de Assuntos Internacionais. Os *Campus* de Bento Gonçalves e da Região das Hortênsias foram as únicas unidades acadêmicas, além do *Campus* sede, que receberam alunos de intercâmbio até agora. Conforme o contato da Assessoria Internacional com o estudante estrangeiro e sua universidade de origem, o intercambista deve respeitar a oferta do curso de graduação disponível em cada *campi* da UCS, bem como a oferta das disciplinas disponíveis para serem cursadas.

Consoante o Guia de Estudantes Estrangeiros (2009), a documentação básica que deve ser apresentada, para participar do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, são os formulários de inscrição para alunos estrangeiros, no qual deverão ser relacionadas as disciplinas que serão cursadas na UCS, o formulário de inscrição da universidade de origem (quando houver), cópia do passaporte, histórico escolar do curso de graduação atualizado, comprovante de proficiência em língua portuguesa²⁴ e carta de motivação do aluno.

O estudante deve se preparar para o intercâmbio seis meses antes da data de embarque, ou seja, são oferecidas duas datas de inscrição, uma no primeiro semestre, que inicia geralmente no mês de março e encerra no final do mês de abril, e outra que inicia geralmente no mês de agosto do ano corrente. Após o período de inscrição e validação da documentação é

24 Conforme a Coordenação da Assessoria Internacional da UCS, é sugerido ao aluno de intercâmbio ter conhecimento nível B1 na Língua Portuguesa, contudo, o fato de não apresentar esse nível de proficiência não impede o candidato de realizar o intercâmbio na Universidade de Caxias do Sul.

emitida a Carta de Aceite²⁵ do estudante, documento que permitirá ao estrangeiro conseguir o visto temporário de estudos no Brasil, mais especificamente na UCS.

Hoje, o primeiro contato com o estudante intercambista se dá com o envio de *e-mail* de captação de alunos estrangeiros com informações sobre prazos e documentos necessários para a inscrição no PMAI. Geralmente, duas vezes ao ano, uma no primeiro e outra no segundo semestre, os setores responsáveis pela mobilidade acadêmica internacional, enviam um *e-mail marketing*, com propagandas das suas respectivas Instituições, com número de vagas de alunos *incoming* e atualizações sobre o processo de nomeação dos alunos para o semestre em questão. Todas as tratativas de intercâmbio são realizadas seis meses antes do embarque.

Após o período de inscrições, as universidades analisam as candidaturas recebidas e enviam as cartas de aceite aos acadêmicos, para que possam então agendar o visto temporário de estudo, a compra de seguro-saúde e das passagens aéreas. No caso da UCS, o processo de recebimento das candidaturas se dá por *e-mail*, após a análise da documentação, realizada em conjunto com a coordenação do curso desejado, em seguida é feita a emissão da carta de aceite que segue por correio com assinatura reconhecida em cartório e registrada, além de ser enviada também por *e-mail* diretamente ao aluno, com cópia para o contato da Assessoria Internacional da IES estrangeira.

Concluído esse processo, a Assessoria Internacional segue em contato com o aluno por *e-mail*, repassando informações importantes, como o calendário acadêmico da UCS, informações sobre a Instituição e indicações de moradia. Por algum tempo, esse contato fica em *standby*, pois é o período em que o aluno estrangeiro realiza a solicitação de visto temporário de estudos e organiza sua vinda ao Brasil.

Outro contato com o intercambista se dá por *e-mail* encaminhado pela Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais (ARINT) com o título “*Welcome to UCS!!!! - CONFIRM RECEIPT*” o qual contém as informações sobre início e término do semestre, as vacinas necessárias para entrar no Brasil, *link* do calendário acadêmico, os documentos que necessitam trazer ao se apresentar no escritório de intercâmbio, os prazos para regularização na Polícia Federal, data do evento de boas-vindas, os nomes, contatos e atribuição dos membros da Assessoria Internacional, além do *link* do *tour* virtual da UCS.

25 Após a análise dos documentos do aluno estrangeiro e, mediante confirmação da aprovação para o intercâmbio, emitida pelo coordenador do respectivo curso de graduação da Universidade de Caxias do Sul, a Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais envia uma correspondência para o setor encarregado pelas relações internacionais da universidade de origem do aluno, confirmando sua aceitação para participar do Programa. A Carta de Aceite é um documento oficial e poderá ser utilizado para apresentação às autoridades brasileiras, para a obtenção do visto temporário de estudante.

No primeiro dia útil, após a chegada do aluno estrangeiro, ele deve se apresentar no escritório de intercâmbio, munido dos documentos solicitados na mensagem anterior. Esse é o primeiro contato presencial do aluno com a UCS e dura aproximadamente uma hora. O aluno se dirige à Universidade, no escritório de intercâmbio e logo iniciam os procedimentos de seu registro na UCS e na Polícia Federal. Após a conclusão do processo, o intercambista é informado da data e do local do evento de boas-vindas.

Esse evento inicia com uma dinâmica de grupo para que todos possam se apresentar, seguido de uma palestra com a Coordenadora da Assessoria Internacional, que fala sobre o Brasil, o Rio Grande do Sul, a cidade de Caxias do Sul e a UCS. Ao falar na UCS, é apresentada toda a estrutura física da Universidade. Além disso, é apresentada a Coordenação do UCS Línguas Estrangeiras.

A segunda parte do encontro acontece com uma oficina de Ritmos Brasileiros, com o objetivo de acolher os alunos de intercâmbio, estimulando o contato cultural e desenvolvendo suas competências auditivas, dando a eles uma ideia da variedade musical do Brasil, além dos ritmos comerciais tocados no exterior. As músicas são selecionadas para despertar no intercambista a curiosidade por ritmos atuais, porém não tão tocados no exterior, permitindo que esse momento sirva também para uma reflexão em relação ao quão flexíveis eles devem ser culturalmente durante o intercâmbio, a necessidade de serem receptivos e de se adequar às diferentes situações do dia a dia. A seleção prévia das músicas abrange gêneros genuínos, como o frevo, samba de raiz, gaúcho e sertanejo, propiciando aos alunos que aprendam passos básicos desses ritmos, bem como informações sobre a qual parte do país eles pertencem. O encontro encerra com uma reflexão²⁶, desejando-se sucesso na experiência e incentivando-se a tolerância em relação às diferenças culturais.

Após o término da reunião, cada aluno segue suas atividades rotineiras, adaptando-se da melhor maneira possível a essa nova realidade. Em datas específicas, são realizadas atividades culturais²⁷ de dança, turismo e gastronomia com os alunos e visitas guiadas às diferentes áreas de conhecimento da UCS. O evento de encerramento das atividades do semestre com os intercambistas é denominado “Jantar Internacional”, noite de confraternização

26 Essa reflexão, é o momento em que os participantes são convidados a formar um círculo e fechar os olhos ao som de uma música ambiente, fazendo alguns exercícios de respiração para relaxar o corpo. Após todos estarem mais calmos, é lida uma mensagem, que estimula a diversidade cultural e o respeito pela diferença. Essa mensagem muda a cada semestre e é selecionada pelo profissional responsável pela oficina.

27 Como atividades culturais, podemos especificar o período da Festa da Uva, quando é organizado um grupo para assistir ao desfile de carros alegóricos e visitar os Pavilhões da Festa. Outra atividade são as viagens realizadas a cidades turísticas da região, como Gramado, Canela, Bento Gonçalves, Cambará do Sul e Torres, em feriados acadêmicos.

que serve para a integração entre os alunos estrangeiros e os alunos da UCS que farão intercâmbio no exterior no semestre seguinte, visando a oportunizar o contato com a cultura do país de destino no exterior.

4.3 PROGRAMA DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS (PPE) DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

O UCS Línguas Estrangeiras foi criado pela Universidade de Caxias do Sul em 1988 para promover e oportunizar o aprendizado de diferentes idiomas. Os alunos estudam em um ambiente universitário e seu ensino está voltado ao público adolescente, adulto e *sênior*. Através de estratégias comunicativas, busca capacitar os alunos a falar e compreender variados idiomas, bem como ler e escrever.

Com a necessidade de atender às demandas do mercado globalizado, são oferecidos à comunidade em geral e à acadêmica cursos de capacitação em língua estrangeira²⁸, disponibilizando aos alunos, acesso ao laboratório multimídia de línguas, sala de leitura, com obras literárias nos nove idiomas oferecidos pelo programa, apoio pedagógico e imersões nos países cujas línguas são ensinadas.

O Programa de Português para Estrangeiros, criado em 1999, faz parte das opções do UCS Línguas Estrangeiras e tem como um de seus objetivos atender à demanda de estrangeiros que chegam à UCS pelo Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, vindos de diferentes países. Além disso, o UCS Línguas Estrangeiras possui Certificado Internacional de Língua Portuguesa - CILP, reconhecido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade de Caxias do Sul, pela União Latina e declarado de Interesse Educativo pelo Ministério de Cultura e Educação da Argentina.

Segundo informações disponíveis no *site* da Instituição, é ofertado aos alunos intercambistas o Curso de Português Brasileiro, que tem por objetivo atender às necessidades específicas desses alunos, desenvolvendo e aprimorando suas habilidades e competências linguísticas. Outra modalidade de oferta, são os cursos Intensivos de Português para Estrangeiros, com turmas de, no máximo, 12 alunos e aulas com carga horária de 30 horas-aula, visando a desenvolver habilidades de produção e compreensão oral, compreensão leitora e produção escrita.

28 Hoje a oferta de cursos atende aos seguintes idiomas: alemão, chinês, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês, russo e português para estrangeiros. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/ucs-linguas-estrangeiras/o-programa/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

Destaca-se ainda o Programa Cores do Brasil, que permite uma vivência em Língua Portuguesa para alunos do ensino médio que vêm para a UCS, a fim de estudar o português brasileiro, bem como a convivência com alunos da Escola de Ensino Médio e Técnico da UCS (CETEC), usufruindo também de toda estrutura do *Campus* Sede. Esse projeto está aberto também ao público adulto que deseja melhorar seu conhecimento em português brasileiro imersos na cultura local.

Como referido anteriormente, é sugerido aos alunos estrangeiros que tenham o nível B1 de conhecimento em português, já que, como parâmetro de ensino, é utilizado o Marco Comum Europeu de Referência (MCER) para línguas. O nível B1, nível Intermediário para aprendizes da Língua Portuguesa, oportuniza ao aluno estrangeiro aprofundar o conhecimento de recursos linguísticos e gramaticais necessários para a comunicação no idioma estudado, envolvendo leitura e compreensão de textos escritos e orais, bem como a produção oral e escrita.

Segundo informação disponível no *site* da Instituição, o Programa de Ensino do Curso de Português Brasileiro apresenta o seguinte plano de execução curricular (ver Quadro 5):

Quadro 5 - Programa de Ensino do Curso de Português Brasileiro

Ementa	O objetivo geral da aprendizagem é compreender mensagens curtas, orais e escritas e conseguir comunicar-se em situações cotidianas que visam satisfazer necessidades concretas, como: apresentar-se e apresentar outros, dar e receber informações pessoais, falar de suas preferências, opinar, fazer acordos, solicitar e dar informações sobre a família, lugares e viagens, hábitos de saúde e alimentação.
Produção Oral	Fazer descrições claras e pormenorizadas de diferentes temas propostos. Relatar com detalhes experiências vivenciadas. Emitir opiniões sobre (textos, filmes, publicidade). Fazer uma exposição clara acerca de um assunto complexo desenvolvendo ideias, expressando uma opinião.
Compreensão Oral	Entender a língua padrão ao acompanhar um diálogo entre falantes nativos. Compreender e interpretar as ideias principais e os pormenores veiculados em texto transmitido por mídia eletrônica (documentário, notícias, propagandas, entrevistas). Entender exposições orais mais longas sobre assuntos correntes em palestras e apresentações, compreendendo a organização lógica do texto e as ideias principais.
Compreensão Leitora	Compreender textos sobre assuntos contemporâneos. Compreender textos, obtendo informações precisas sobre aspectos relevantes. Compreender e interpretar artigos de opinião, fazer inferências e perceber implícitos. Compreender e interpretar textos literários, estabelecendo relações entre ficção e realidade.
Produção Escrita	Elaborar textos publicitários, utilizando alguns recursos da linguagem literária. Relatar e descrever detalhadamente fatos e acontecimentos vivenciados, articulando ideias de forma coerente. Escrever textos expositivos e argumentativos, estabelecendo relações entre as ideias de forma coesa e seguindo a estrutura do gênero proposto. Escrever textos informativos e instrucionais.

Fonte: *site* da UCS, adaptado.

Feita a contextualização do âmbito em que se insere esta pesquisa, passa-se a seguir a apresentar propostas de atividades que possam colaborar tanto com o PMAI quanto com o PPE, no período de intercâmbio realizado na UCS.

4.4 PROPOSTAS DE ATIVIDADES

As atividades propostas nesta dissertação seguem o quadro teórico da sociolinguística, alinhadas aos aspectos culturais apresentados no Capítulo 2, bem como considerando o que é proposto pelo QCER.

Pretende-se com elas não apenas promover o desenvolvimento da competência linguística de alunos estrangeiros, mas, principalmente, a competência comunicativa no processo de imersão cultural e social desses alunos no período de permanência na Universidade de Caxias do Sul.

No ano de 2017, a UCS recebeu, além de alunos intercambistas, aproximadamente 340 visitantes estrangeiros, segundo base de dados da Assessoria Internacional, atualizada em outubro de 2018. O escritório de intercâmbio há mais de vinte anos realiza atividades de recepção de estrangeiros visitantes e reconhece a importância de suas ações para diminuir distâncias, valorizando e respeitando as mais diferentes culturas, o que demonstra a pertinência de propor-se novas ações voltadas à integração de estrangeiros via elementos linguísticos e culturais.

Nesta seção serão apresentadas cinco propostas para promover a prática de habilidades linguísticas em Língua Portuguesa, sendo elas organizadas da seguinte maneira (ver quadro 6):

Quadro 6 - Atividades a serem desenvolvidas

I. Atividade preparatória para intercambistas da Universidade de Caxias do Sul
II. Atividade de produção oral e compreensão auditiva
III. Atividade de culinária brasileira
IV. Atividades de sequência fílmica
V. Atividade em busca do churrasco perfeito
VI. Atividade <i>Blog</i> Linguístico-Cultural

Fonte: da autora.

Cada atividade está organizada conforme apresenta o quadro 7.

Quadro 7 – Estrutura das atividades

1 Tema
2 Objetivo geral
3 Objetivos específicos
4 Justificativa da atividade
5 Detalhamento da proposta
6 Etapas
7 Justificativa de cada etapa

Fonte: da autora.

4.4.1 I Atividade preparatória para intercambistas da Universidade de Caxias do Sul

Tema: vídeo de apresentação e reflexão da evolução linguística pessoal.

Objetivo geral: atividade EaD preparatória para intercambistas da Universidade de Caxias do Sul para proporcionar ao aluno intercambista uma primeira experiência de comunicar-se em língua portuguesa, a fim de aproximá-lo da realidade linguística que encontrará no Brasil.

Objetivos específicos:

- conhecer suas motivações para o intercâmbio;
- conhecer suas habilidades em Língua Portuguesa oral;
- conhecer a autopercepção de suas possíveis inseguranças/dificuldades linguísticas.

Detalhamento da proposta

Trata-se de uma atividade desenvolvida em português brasileiro, planejada para ser trabalhada, em um primeiro momento EaD e, posteriormente, presencialmente, envolvendo variados contextos de ensino e de aprendizagem, levando em consideração os distintos níveis de conhecimento linguístico em relação à Língua Portuguesa do aluno estrangeiro.

Esta atividade é composta de três etapas que visam a conhecer o perfil do aluno e analisar como o PPE poderá atuar para desenvolver diferentes habilidades linguísticas, como forma de aprimorar a competência comunicativa desse aluno.

Primeira etapa – Atividade realizada pelo aluno estrangeiro em seu país de origem

O aluno de intercâmbio é convidado a gravar um vídeo simples, no seu país de origem, comunicando-se em Língua Portuguesa, seguindo as orientações do roteiro²⁹ fornecido (ver quadro 8), com no máximo cinco minutos de duração, e compartilhá-lo, até a data indicada, no *Google Drive*®.

Quadro 8 - Roteiro das informações que devem constar no vídeo

<p>Você é convidado a produzir um vídeo, apresentando-se, no qual devem constar as informações solicitadas a seguir:</p> <p>Saudação inicial (bom dia, boa tarde, boa noite ou olá)</p> <p>Nome</p> <p>Idade</p> <p>Cidade e país de origem</p> <p>Universidade de origem e curso de graduação</p> <p>Quais razões o (a) levaram a escolher seu curso de graduação</p> <p>Quais os motivos que lhe levaram a realizar um intercâmbio</p> <p>Quais são suas principais dificuldades com relação ao uso da Língua Portuguesa (fala, escrita, leitura ou compreensão oral)</p> <p>Saudação final (obrigada)</p>
--

Fonte: da autora.

Justificativa da primeira etapa

O vídeo permite que se analise e avalie as motivações do aluno para o intercâmbio, fornecendo informações sobre suas expectativas, assim como suas habilidades e competências linguísticas e comunicativas. A atividade visa desenvolver habilidades de forma integrada, e explorar tanto a produção oral e escrita quanto a compreensão oral e escrita, colaborando para o desenvolvimento de competências linguísticas necessárias para que o estudante seja capaz de interagir comunicativamente em diversas situações e contextos de uso da língua portuguesa, diminuindo o estranhamento cultural, e estreitando as relações.

Segunda etapa – realizada pela equipe da Assessoria Internacional da UCS

Os funcionários da Assessoria Internacional (ARINT) devem gravar um vídeo simples, em língua portuguesa, seguindo as indicações do roteiro descrito a seguir, com no máximo 02 (dois) minutos. O vídeo é compartilhado, individualmente, com os alunos de intercâmbio, por

²⁹ O roteiro será disponibilizado em língua portuguesa.

e-mail, acompanhado de vídeo institucional da UCS (áudio em português e legenda em inglês³⁰), em resposta à apresentação pessoal de cada intercambista.

Quadro 9 - Roteiro das informações que devem constar no vídeo

Saudação inicial (Bom dia, boa tarde, boa noite ou olá) Nome Atividade desenvolvida na ARINT Como colaborará com o intercambista durante sua estada na UCS Saudação final (obrigada)
--

Fonte: da autora.

Justificativa da segunda etapa

Atividades com vídeos, privilegiam o desenvolvimento das competências comunicativas dos envolvidos, além de proporcionar ao intercambista contato com diferentes modos de fala, ou seja, variedade vocabular e prosódica da língua, contribuindo para o entendimento cultural.

Terceira etapa – realizada pela equipe da Assessoria Internacional da UCS em conjunto com os alunos de intercâmbio

Próximo ao término do intercâmbio, o aluno deve gravar um vídeo simples no laboratório de informática do UCS Línguas Estrangeiras, em língua portuguesa, seguindo as indicações do roteiro descrito abaixo, com no máximo cinco minutos.

Quadro 10 - Informações para gravação do vídeo

Nome Universidade e país de origem Breve relato de como foi realizar o intercâmbio na UCS O que mais gostou no período que esteve em Caxias do Sul O que menos gostou nessa experiência Com relação às inseguranças linguísticas anteriores ao intercâmbio, quais foram eliminadas e quais permaneceram Elementos culturais que mais chamaram sua atenção Porque seus colegas deveriam estudar na Universidade de Caxias do Sul (essa fala poderá ser feita na sua língua nativa)
--

Fonte: da autora.

30 A escolha de legendar o vídeo, visa a colaborar com a compreensão do intercambista neste primeiro momento.

Justificativa da terceira etapa

Essa última etapa proporciona a autoavaliação dos intercambistas no que tange ao desenvolvimento das competências linguística e comunicativa, ou seja, em que grau houve aprendizagem da Língua Portuguesa nesse período, e quais inseguranças linguísticas verificadas no primeiro vídeo foram superadas ou não. Esse momento possibilita uma tomada de consciência do progresso linguístico obtido no período de intercâmbio.

4.4.2 II - Atividade de produção oral e compreensão auditiva

Tema: produção oral e compreensão auditiva tem por tema um *tour* pelo *Campus* da UCS.

Objetivo geral: guiar, em parceria com um aluno brasileiro, o grupo de intercambistas por um *tour* no *Campus* sede da UCS, seguindo um roteiro previamente fornecido.

Objetivos específicos:

- conhecer as unidades e serviços da UCS;
- Interagir com professores, alunos e funcionários da instituição;
- desenvolver habilidades de compreensão oral.

Justificativa

A proposta de um *tour* pela instituição, propiciará, além de apresentar a estrutura da UCS, uma possibilidade de exercitar a compreensão oral dos intercambistas, considerando que serão guiados por um aluno da universidade, que descreverá, em língua portuguesa, todos os pontos visitados.

Detalhamento da proposta

Após oito semanas residindo em Caxias do Sul e estudando na UCS, os alunos intercambistas serão convidados a participar, em parceria com um aluno brasileiro, de um *tour* no *Campus* sede da UCS. Para essa ocasião será destinado um turno (manhã ou tarde). O roteiro e orientações serão repassadas pela coordenação da ARINT.

Roteiro do tour: a seguir serão elencados alguns dos espaços a serem visitados, podendo ser alterados de acordo com necessidade/utilização de cada um deles. A título de exemplo serão descritos dois desses locais.

1º Local: Centro Cívico – Praça dos Instituidores

Tipo de atrativo: Cultural

Descrição: Praça em homenagem aos fundadores da UCS, universidade comunitária, regulamentada em 10 de fevereiro de 1967. Nesse espaço, encontram-se as imagens do prefeito Hermes João Webber, do Bispo Diocesano Dom Benedito Zorzi e do médico, Virvi Ramos, representando os poderes da comunidade caxiense que constituíram a universidade. O Centro Cívico é palco de atividades culturais abertas a toda comunidade, como a recepção de volta às aulas dos alunos, o Portal de Profissões e o Natal em Família, comemoração de encerramento das atividades acadêmicas e institucionais da universidade.

2º Local: Teatro da Universidade de Caxias do Sul (UCS Teatro)

Tipo de atrativo: Cultural

Descrição: Inaugurado em agosto de 2001, com *show* da cantora argentina Mercedes Sosa e do cantor cearense Fagner, lotando, por duas noites consecutivas, a casa. É um espaço onde conhecimento, arte, cultura e entretenimento alternam-se e misturam-se, oferecendo à comunidade a possibilidade de desenvolver e ampliar o gosto cultural e estético, através de espetáculos musicais, *shows* e peças teatrais. Na sua agenda há sempre lugar reservado para os ensaios e as apresentações da Orquestra Sinfônica da Universidade de Caxias do Sul, dentro do Projeto Quinta Sinfônica.

3º Local: Museu de Ciências Naturais e UCS Aquarium

Tipo de atrativo: Cultural/Natural

Descrição: O Museu de Ciências Naturais da Universidade de Caxias do Sul é um centro de estudos na área das Ciências Biológicas, com finalidades culturais, acadêmicas, de pesquisa científica e de difusão de conhecimento. O Museu iniciou suas atividades em 1984 com as pesquisas desenvolvidas na área da Botânica e, desde os primeiros anos, dispõe de exposições permanentes e temporárias, salas de aula, laboratórios de pesquisa e ambientes especiais, adequados para abrigar os diferentes tipos de materiais que integram seu acervo. Aberto diariamente, o Museu é um espaço que privilegia o estudo do ambiente natural da região. Em 2001, foram inaugurados novos espaços de exposições permanentes, dentre eles o UCS

Aquarium. É um conjunto de 20 aquários que reúne, para fins de exposição e estudo, cerca de 2,6 mil indivíduos de 70 espécies entre poríferos, cnidários, equinodermos, crustáceos, anfíbios, peixes e répteis. O UCS Aquarium é mais uma opção de lazer e de estudo para os acadêmicos estrangeiros, uma vez que poderão entrar em contato com espécies tipicamente brasileiras.

4º Local: Jardim Zoológico da UCS

Tipo de atrativo: Natural

Descrição: Inaugurado em 1987, o Jardim Zoológico da Universidade de Caxias do Sul ocupa uma área de 20.000 m² e possui um plantel de aproximadamente 150 animais e 50 espécies diferentes, entre répteis, aves e mamíferos. Além de constituir-se como uma importante opção de lazer para a população, o Zôo da UCS é um espaço que favorece o conhecimento da fauna brasileira. Funciona como centro de recuperação e abrigo de animais silvestres apreendidos em situação irregular, preparando-os para readaptá-los ao seu ambiente natural ou a um ambiente propício à sua sobrevivência.

Justificativa da primeira etapa

Essa atividade pretende trabalhar a produção oral e a compreensão oral do estudante estrangeiro, estimulando as competências linguísticas necessárias, colaborando no processo de interação em Língua Portuguesa.

4.4.3 III - Atividade de culinária brasileira

Tema: hábitos alimentares de diferentes regiões brasileiras.

Objetivo geral: conhecer hábitos alimentares de diversas regiões do Brasil, como elementos de sua cultura, e, a partir disso, proporcionar a prática da Língua Portuguesa.

Objetivos específicos:

- conhecer pratos típicos de algumas regiões do Brasil;
- desenvolver habilidades de leitura;
- desenvolver habilidades de escrita;
- desenvolver habilidades de escuta.

Justificativa

A proposta de desenvolver atividades voltadas à culinária se justifica, pois, considerando que os hábitos alimentares compõem a cultura do país de passagem, assim como sua língua, propor atividades que vinculem esses elementos culturais, oportuniza a criação de memórias afetivas relacionadas à experiência de intercâmbio no Brasil e possibilita o desenvolvimento da competência comunicativa dos intercambistas.

Detalhamento da proposta

Esta atividade é composta de cinco etapas que visam desenvolver diferentes habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), como forma de aprimorar a competência comunicativa de alunos estrangeiros, bem como dar a conhecer hábitos alimentares de diferentes regiões do Brasil.

Primeira etapa

Os participantes são convidados a observar algumas imagens (Figura 1), para, em seguida, responder às questões propostas.

1) Observe as imagens a seguir:

Figura 1 - Imagens construídas com alimentos



Fonte: <https://www.redebrasilcultural.itamaraty.gov.br> Acesso em: 10 out. 2018.

- 2) Com base nas imagens analisadas, discuta com seus colegas, as seguintes questões:
- a) Que alimentos você consegue identificar nas imagens?
 - b) Que alimentos fazem parte do seu cardápio em Caxias do Sul?
 - c) Que alimentos fazem parte do seu cardápio no seu país de origem?
 - d) Que alimento você não comeria? Por quê?
 - e) Qual é o seu prato preferido?
 - f) Qual o prato típico da culinária do seu país?
 - g) Que alimento você não conseguiria ficar sem?
 - h) Você conhece a culinária brasileira? O quê?
 - i) Quais seriam as combinações de alimentos típicas do seu país?
 - j) Você sabia que o arroz, é considerado pela ONU símbolo de identidade cultural e de união entre os povos?

Segunda etapa

Os alunos são convidados a assistir ao vídeo *Arroz e feijão fizeram longa viagem até ficar juntos*, a fim de que conheçam a importância cultural desses alimentos, principalmente na culinária brasileira. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/4712152/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Terceira etapa

É solicitado aos alunos que leiam o texto “Comer arroz com feijão é um hábito saudável da dieta dos brasileiros” e que, na sequência, respondam às questões propostas.

1) Leia o texto a seguir.

Quadro 11 - Texto para discussão

Comer arroz com feijão é um hábito saudável da dieta dos brasileiros

FEIJÃO É FONTE DE PROTEÍNA E FERRO; SUDESTE É REGIÃO QUE MAIS CONSOME. ESPECIALISTAS EXPLICARAM VANTAGENS DA CARNE, PEIXE, MILHO E MANDIOCA.

O Brasil é um país com uma alimentação bastante variada e saudável e cada região tem pontos positivos em sua culinária. Entre os alimentos mais consumidos pelos brasileiros, está o feijão – estima-se que, por dia, cada pessoa consuma 182,9 gramas no país, principalmente na região Sudeste.

Esse hábito de comer feijão, principalmente com o arroz, é saudável já que o alimento é fonte de proteína vegetal e ferro e traz diversos benefícios para a saúde. Por isso, é ideal que essa combinação faça parte das refeições pelo menos uma vez ao dia, como explicaram o endocrinologista e a nutricionista e doutora Sônia Tucunduva Felipe no *Bem Estar* desta quinta-feira (21).

Se consumido como feijoada, o valor nutritivo do feijão é ainda maior, já que a carne aumenta a absorção do ferro. Porém, de qualquer maneira, todo tipo de feijão tem suas vantagens para a saúde – por exemplo, o feijão branco ajuda a queimar gordura; o feijão preto é bom para controlar o colesterol; o feijão de corda é uma ótima fonte de energia; e o feijão carioca é o mais rico em ferro.

Já no **Sul do Brasil**, um dos alimentos mais consumidos é a carne vermelha, fonte de proteína, vitamina B12, vitamina B6, zinco e selênio, importante na prevenção de anemia e danos neurológicos. Os sulistas costumam comer carne uma vez a cada dois dias, um hábito recomendado para uma dieta saudável. Porém, é preciso tomar cuidado com a gordura, principalmente em alimentos como salsicha, linguiça, presuntos e outros embutidos, que devem ser consumidos ocasionalmente.

O excesso de carne, como alertou o endocrinologista Alfredo Halpern, pode causar doenças cardiovasculares e até mesmo aumentar o risco de câncer, por isso é preciso tomar cuidado principalmente com a gordura. Por isso, quem consome carne todos os dias deve sempre optar pelas opções mais magras e, uma vez por semana, consumir outros tipos, como fígado bovino, coração de galinha, que fazem bem para a saúde especialmente de crianças, jovens, idosos e mulheres em idade fértil. Por outro lado, existe a recomendação para o brasileiro consumir mais peixe. Apesar de ser um alimento mais caro, é rico em gordura boa, cálcio, ferro e vitamina B12.

O Norte é campeão no consumo de peixe e a quantidade diária consumida nessa região é mais de cinco vezes maior do que todo o peixe consumido nas outras regiões juntas. De acordo com a nutricionista Sônia Tucunduva, é preciso observar algumas coisas na hora de comprar o peixe, como a pele firme, a falta de manchas, os olhos salientes, as escamas unidas e presas à pele, a cor das guelras e o cheiro, que não deve ser muito forte.

Na **região Centro-oeste**, um dos alimentos mais comuns é o milho, importante fonte de carboidrato, fibras, vitamina B1, vitamina B2 e vitamina E. Segundo o endocrinologista Alfredo Halpern, o milho é um cereal integral extremamente importante para a saúde. Porém, como alertou a nutricionista Sônia Tucunduva Felipe, o ideal é que ele seja consumido em sua forma natural, não como pamonha.

Também fonte de carboidrato, a mandioca é um alimento bem comum no prato do brasileiro, principalmente **no Nordeste**. Segundo a nutricionista Sônia Tucunduva, com duas colheres e meia de farinha de mandioca, é possível agregar 150 calorias à refeição, o que é uma boa opção para quem precisa ganhar peso ou está em fase de crescimento. O alimento possui também vitaminas do complexo B, cálcio, fósforo e potássio, substâncias importantes e benéficas para a saúde.

Seja qual for sua região, a alimentação tem seus pontos positivos e seus valores nutricionais. De qualquer maneira, é importante saber que a dieta deve ser sempre equilibrada e sem exageros para que os benefícios à saúde comecem a aparecer.

Fonte: Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/02/comer-arroz-com-feijao-e-um-habito-saudavel-da-dieta-dos-brasileiros.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

2) Com base na leitura do texto e em suas experiências pessoais, responda às questões a seguir, para, em seguida, discuti-las com o grupo:

- a) Na culinária de seu país, é comum o consumo de arroz?
- b) Quais alimentos da gastronomia do seu país de origem são servidos junto com arroz?
- c) Você sabe dizer como é realizado o preparo desse alimento em seu país de origem?

Quarta etapa

Os participantes assistirão a dois vídeos de culinária, nos quais são explicadas receitas de dois pratos típicos de todo o Brasil: o arroz e o feijão.

1) Você sabe cozinhar arroz e feijão?

Assista aos vídeos³¹ e a seguir escreva com suas palavras os ingredientes utilizados e o modo de fazer as duas receitas.

Vídeo I – Como fazer arroz?

Sinopse: o vídeo mostra como fazer arroz, os ingredientes necessários e cuidados na preparação.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dKKI_9mdm7I

Vídeo II – Como fazer feijão?

Sinopse: o vídeo destaca como preparar feijão, alimento típico do Brasil e que, em parceria com o arroz, deu origem a expressão “arroz com feijão”, utilizada para fazer referência a tudo que é básico, simples, mas essencial.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZyBYo9PdeP4>.

Quinta etapa

Escolha um prato fácil de fazer, da culinária do seu país, que combine com arroz e escreva a receita. Não se esqueça de colocar os ingredientes utilizados, o modo de preparo e, se possível, uma foto. Postar sua receita no *blog* Intercâmbio da UCS.

Sexta etapa

O aluno é convidado a conhecer a Escola de Gastronomia³² da UCS e participar de uma oficina de preparo de risoto, prato típico italiano. A receita a ser ensinada é a seguinte (Quadro 12):

31 A atividade será realizada em sala de aula.

32 Inaugurada em 2004 no município de Flores da Cunha, RS, a Escola de Gastronomia da UCS tem a missão institucional de difundir a cultura do gosto e da gastronomia italiana na América Latina e conta com a importante parceria do FISAR (Federazione Italiana Sommelier Albergatori) e com o ICIF (Italian Culinary Intitute for Foreigners) nas atividades gastronômicas. Por estar instalada numa região onde é muito forte a cultura da uva e do vinho, desde o seu início, a Escola também se dedica à formação de profissionais na área da enologia em parceria com a, na realização de atividades de Educação Continuada em Sommellerie. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/escola-de-gastronomia/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Quadro 12 - Receita de risoto

Risoto Italiano

Ingredientes

2 dentes de alho amassado
 2 unidades de cebola picada
 4 colheres (sopa) de azeite
 1 kg de tomate sem pele, sem sementes
 2 xícaras (chá) de arroz
 sal a gosto
 pimenta-do-reino branca a gosto
 1 colher (chá) de açafrão
 100 gr de parmesão ralado

Como Fazer

Refogue o alho e a cebola em 2 colheres (sopa) de azeite. Pique os tomates em pedacinhos, junte ao refogado de cebola, baixe bem a chama, e deixe no fogo por 10 minutos. Aqueça o restante do azeite numa frigideira e frite o arroz em fogo baixo, mexendo até que os grãos fiquem leitosos. Passe o arroz para a panela em que refogou a cebola, misture bem, e junte cerca de 5 xícaras (chá) de água fervente. Tempere com sal, pimenta e açafrão. Tampe bem e deixe cozinhar em fogo baixo até secar. Sirva com queijo ralado.

Fonte: Profa. Charlie Tecchio Colonetti, Coordenador Cursos de Extensão UCS/ICIF - Escola de Gastronomia UCS.

4.4.4 IV - Atividades de sequência fílmica

Tema: cinema brasileiro

Objetivo geral: mostrar os diferentes aspectos geográficos, culturais e linguísticos, retratando a realidade de cada região brasileira.

Objetivos específicos:

- conhecer mais sobre as regiões do Brasil;
- desenvolver habilidades de leitura;
- desenvolver habilidades de escrita;
- desenvolver habilidades de compreensão oral
- reconhecer variações linguísticas e culturais.

Justificativa

Assim como a região Sul, o Brasil é formado por uma miscigenação de culturas. Em um mesmo local, como podemos presenciar na Universidade de Caxias do Sul, é possível interagir com pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo. A ideia da atividade é promover o

pensamento crítico dos alunos no que tange à variação linguística e cultural, identificada em um mesmo país, relacionando esse aspecto linguístico à realidade de seu país de origem.

Detalhamento da proposta

Os alunos de intercâmbio serão convidados a participar de uma sequência de filmes que retratam a cultura brasileira. Os filmes serão exibidos no UCS Cinema, sala de cinema da universidade, em três dias diferentes, seguidos de um debate que visa a diminuir a insegurança linguística na prática da oralidade. Na ocasião, além de discutir sobre os filmes que assistiram, os alunos serão solicitados a comentar sobre gêneros/estilos de filmes que gostam de assistir.

Filmes selecionados

Os quadros 13, 14 e 15 contêm sinopses dos filmes selecionados.

Quadro 13 - Filme I - Região Sul - Anahy de las Misiones

Sinopse: o filme conta a saga de uma mulher e seus dois filhos que percorrem o estado do Rio Grande do Sul, durante a Revolução Farroupilha (1835-1845). Trata-se da história de uma mãe coragem que possui como único objetivo manter sua família unida a qualquer custo, e que, para que sua família sobreviva, perambulam pelos campos gaúchos entre os revolucionários farroupilhas e os legalistas caramurus, recolhendo os despojos dos combates. Em sua longa jornada pela sobrevivência, Anahy passa por episódios lendários e históricos da Guerra dos Farrapos. O filme foi gravado em mais de 20 locações espalhadas pelo estado do Rio grande do Sul, sendo algumas das cenas mais marcantes rodadas nas cidades de Cambará e Caçapava do Sul.

Fonte: Disponível em: <<http://adorocinema.com/filmes/filme-18917>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Quadro 14 - Filme II - Região Nordeste - O Homem que Engarrafava Nuvens (2008)

Sinopse: O filme narra a história do baião através da ascensão e queda de um de seus maiores expoentes, o letrista e compositor Humberto Teixeira, conhecido como o “doutor do baião”. Responsável por clássicos como “Asa Branca” e “Adeus Maria Fulô”, Teixeira atingiu o estrelato nos anos 50, mas foi sempre eclipsado por seu parceiro Luiz Gonzaga. Na década seguinte, com o surgimento da Bossa Nova, o baião caiu na obscuridade.

Fonte: Disponível em: <<http://adorocinema.com/filmes/filme-18917>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Quadro 15 - Filme III - Região Sudeste - O homem que virou suco

Sinopse: O filme apresenta Deraldo (José Dumont), um poeta popular recém-chegado do Nordeste a São Paulo, que sobrevive de suas poesias e folhetos. Ele é confundido com o operário de uma multinacional que matou o patrão na festa em que recebia o título de operário símbolo. Deraldo, então, recorre ao verdadeiro assassino, a única pessoa que pode provar sua inocência. Recomendado para trabalhar a imigração do nordestino para a região sudeste e os possíveis problemas enfrentados por eles.

Fonte: Disponível em: <<http://adorocinema.com/filmes/filme-18917>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Justificativa

A ideia da atividade é apresentar aos alunos as variações linguístico-culturais existentes nas diferentes regiões do Brasil. Essa atividade permite que os intercambistas possam conhecer a cultura e as variações linguísticas, além daquelas às quais eles estão expostos em Caxias do Sul e Região.

4.4.5 V - Atividade em busca do churrasco perfeito

Atividade presencial, visando a interação entre alunos intercambistas e alunos da UCS, proporcionando uma vivência cultural típica gaúcha. Além disso, será uma oportunidade de ampliar o vocabulário dos visitantes, inserindo elementos que fazem parte da cultura gaúcha como, por exemplo, os utensílios (churrasqueira, carvão, espeto, etc.), além de questões quanto aos tipos de carne e ponto de cozimento (bem passado, ao ponto, malpassado).

Tema: hábitos alimentares típicos do Rio Grande do Sul.

Objetivo geral: propor uma imersão na cultura gaúcha, estreitando o vínculo entre os acadêmicos intercambistas e acadêmicos brasileiros.

Objetivos específicos:

- conhecer o preparo do principal prato típico do RS;
- desenvolver habilidades de leitura;
- desenvolver habilidades de escrita;
- desenvolver habilidades de compreensão oral.

Justificativa

Promover a cultura, expressões linguísticas e a culinária gaúcha proporcionará uma experiência típica da região em que os intercambistas estão inseridos, fazendo com que se sintam parte da comunidade gaúcha. A proposta busca ampliar o vocabulário, além de oportunizar a interação com a cultura local, aprendendo não só sobre os costumes da tradição gaúcha, como também sobre utensílios utilizados na realização do churrasco e vestimentas típicas, proporcionando o desenvolvimento de competências comunicativas, legitimando a importância de cultura e linguagem serem trabalhadas juntas.

Detalhamento da proposta

Esta atividade é composta de quatro etapas que visam desenvolver diferentes habilidades linguísticas, como forma de aprimorar a competência comunicativa de alunos estrangeiros, bem como dar a conhecer hábitos alimentares do Rio Grande do Sul.

Primeira etapa

1) Colocar aqui um enunciado que tenha a ver com o que vem depois.

No dia 20 de setembro é comemorado o Dia do Gaúcho, data do início da Revolução Farroupilha, em 1835, no Rio Grande do Sul. A cultura gaúcha é fortemente reconhecida em todo o país, principalmente quando se fala em churrasco e chimarrão.

Um colega de curso lhe chama no WhatsApp® e diz:

Oi. Vamos “fazer um churras” aqui em casa amanhã e queremos muito que você venha, que tal?

Cada um traz o que for beber, beleza?

Virão alguns amigos do meu pai, que tocam música gaúcha. Vai ser bem legal.

Optou-se por utilizar essa ferramenta, pois com o processo de globalização, transformaram-se as formas de comunicação, tornando-as mais rápidas e encurtando distâncias. Hoje, os *smartphones* têm se tornado uma “extensão do corpo e da vida das pessoas”, portanto, a comunicação no Whatsapp gera uma agilidade e eficácia nas trocas de mensagens. Propiciando assim, ao intercambista a prática de compreensão escrita.

Segunda etapa

Leia o texto abaixo atribuindo sentido a ele, comente, compare com outras leituras se for o caso, ouça a interpretação dos outros participantes sobre o mesmo texto e amplie seu olhar em relação à cultura local em que está inserido durante o intercâmbio.

Figura 2 - Tradicionalismo gaúcho - 8 curiosidades sobre o tradicionalismo gaúcho que todos precisam saber



Fonte: Disponível em: <http://cantinhogaicho.blogspot.com/2017/02/8-curiosidades-sobre-o-tradicionalismo.html>. Acesso em: 11 out. 2018.

4.4.6 VI - Atividade *Blog* Linguístico-Cultural

Tema: interação linguística e cultural

Objetivo geral: informar os alunos intercambistas sobre opções culturais, gastronômicas e de lazer da UCS, da cidade de Caxias do Sul e Região, bem como de seus países de origem, por serem um possível destino de intercambistas brasileiros no exterior.

Objetivos específicos:

- proporcionar experiências virtuais acerca da cultura local;
- desenvolver habilidades de leitura;
- desenvolver habilidades de escrita.

Justificativa

Oferecer um espaço virtual, no qual intercambistas que estão no Brasil e brasileiros que estão no exterior possam interagir, postando relatos de experiências, fotos, dicas culturais, de turismo, enfim, as mais variadas contribuições, é uma forma também de trazer informações

àqueles que pretendem investir em um intercâmbio e de mantê-los interconectados, mesmo após o regresso a seus países de origem.

Detalhamento da proposta

No *Blog* do Programa UCS Línguas estrangeiras³³ são divulgadas informações referentes às atividades realizadas pelos alunos do Programa de Línguas da UCS. Visando a promover o desenvolvimento das competências linguísticas e culturais dos alunos de intercâmbio e com o intuito de estreitar relações com alunos brasileiros, propõe-se que dentro do *Blog* já existente, seja criado e postado um espaço para a postagem dessas novas informações.

Os alunos serão convidados a acessar o link do *Blog* criado e administrado por Adam Vincent, participante do Programa Fulbright English Teaching Assistant³⁴, para exemplificar a proposta da atividade, durante a estada do intercambista em Caxias do Sul.

Esta atividade apresenta duas etapas. Inicia com a customização do *blog* UCS Línguas Estrangeiras até a publicação de conteúdos produzidos pelos intercambistas.

Primeira etapa: customização do *blog*

1) Você é convidado a colaborar com o Blog. Para isso você precisa inserir *posts*, escritos em língua portuguesa, mostrando e comentando suas experiências como intercambista, poderão ser postadas fotografias, desde que devidamente identificadas.

Tópicos a serem abordados:

- 1 – Cultura, gastronomia lazer
- 2 – *Corpus* linguístico local, regional e nacional
- 3 – Fórum interativo multilinguístico

33 Endereço do *Blog* do UCS Línguas Estrangeiras. Disponível em: <<https://programadelinguasestrangeiras.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 out. 2018).

34 *Fulbright US Student Program* é o maior programa de intercâmbio dos EUA que oferece oportunidades para estudantes e jovens profissionais realizarem estudos internacionais de pós-graduação, pesquisa avançada, ensino universitário e ensino fundamental/médio em todo o mundo. O programa atualmente concede aproximadamente 1.900 bolsas anualmente em todas as áreas de estudo e opera em mais de 140 países em todo o mundo. Em 1945, o senador J. William Fulbright apresentou um projeto de lei no Congresso dos Estados Unidos que pedia o uso de fundos do balanço excedente de propriedades de guerra para financiar a promoção da boa vontade internacional por meio do intercâmbio de estudantes nos campos da educação, cultura e ciência. Em 1º de agosto de 1946, o presidente Harry S. Truman assinou a lei, e o Congresso criou o Programa Fulbright, o principal programa de intercâmbio educacional internacional patrocinado pelo governo dos EUA. Disponível em: <<https://us.fulbrightonline.org/>>. Acesso em: 10 out. 2018).

Descrição de cada tópico:

1 – Cultura, gastronomia e lazer

Espaço para postagem de dicas gastronômicas, culturais, entretenimento noturno, pontos turísticos dentro da UCS, em Caxias do Sul e na Região. Pretende-se com isso evidenciar as diferenças culturais e as opções encontradas para se adaptar a uma nova cultura, bem como proporcionar atividades de escrita, a fim de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa.

2 – *Corpus* linguístico local

Espaço para descrição de situações relacionadas ao uso de língua. Vocabulários diferentes, expressões que causam estranhamento, comentários em relação ao sotaque local, percepções e análise da diferença linguística dentro do próprio Brasil, uma vez que, em geral, os intercambistas viajam a turismo para diferentes regiões do país. Palavras em português que têm significado diferente em seu país de origem (caso haja). Situações engraçadas vivenciadas pela diferença linguística e momentos de insegurança linguística.

3 – Fórum interativo multilinguístico

Nessa parte do *blog*, os alunos têm a possibilidade de alternar livremente o idioma escolhido para se comunicar com os alunos estrangeiros que estarão na Universidade de Caxias do Sul no próximo semestre, com amigos brasileiros ou de seu país de origem e com os próprios acadêmicos da UCS.

Segunda etapa

Postagem das informações pela equipe da Coordenação Pedagógica do Programa UCS Línguas Estrangeiras (PPE).

A Coordenação pedagógica do PPE e equipe da ARINT, devem reunir o material produzido pelos alunos, para postagem no *Blog* criado, facilitando o monitoramento do espaço para perguntas e respostas, no próprio espaço virtual.

Justificativa

A globalização com o intuito de conectar as pessoas, impulsiona a criação das redes sociais na *internet*, que diminuem as barreiras de espaço e de tempo que existiam outrora. Dentro das novas tecnologias, os *blogs* vêm sendo utilizados pelas empresas de comunicação como um canal de comunicação rápida e massiva, viabilizando um alcance maior das

informações. No caso dos *blogs*, é preciso ter atenção redobrada sobre o que é publicado, pois, com o registro escrito, aumenta a responsabilidade sobre o que é dito. Tornando-se necessário também estudar os assuntos abordados, exigindo maiores habilidades de leitura e escrita. Possibilitando o treinamento e enriquecimento do vocabulário, desenvolvendo a capacidade argumentativa e dissertativa, além de servir para compartilhar experiências e, principalmente, oportunizando contatos com pessoas de interesses similares, ampliando perspectivas nos mais diferentes âmbitos.

O conjunto de atividades propostas pode, certamente, ser ampliado e melhorado, mas possibilita uma série de atividades de uso da língua portuguesa e de experiências culturais capazes de tornar o período de intercâmbio muito mais significativo.

Procuramos desenvolver atividades capazes de contemplar dois aspectos que consideramos importantes no processo de intercâmbio: a aprendizagem da língua e a adaptação à nova cultura. Para isso, procuramos contemplar o que propõe o QCER, fundamentados pela Sociolinguística e por estudiosos da cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final da Idade Média, os europeus conheciam apenas o Oriente Médio, o norte da África e as Índias. Foi apenas entre os séculos XV e XVI, na era conhecida como das grandes navegações, que outras localidades do globo foram descobertas pelos navegadores³⁵. Hoje em dia viajar é muito mais fácil do que naquela época e realizar um intercâmbio é algo relativamente comum entre os jovens que dispõem de recursos financeiros para isso. Portanto, ao contrário dos grandes navegadores, que às vezes levavam anos para descobrir novas culturas, hoje isso acontece de forma muito rápida.

É, pois, desse interesse histórico do homem de conhecer novos lugares e novas culturas que surge o objeto deste estudo. Fazer um intercâmbio representa a oportunidade de conhecer outros povos e, ao mesmo tempo, é um teste pessoal quanto à capacidade de conviver e se adaptar ao diferente. Além disso, a linguagem torna-se outro desafio a ser superado. Diante disso, a teoria sociolinguística vem colaborar com o entendimento das variações linguísticas, produto das relações sociais, algo que está presente no contexto social e cotidiano de alunos estrangeiros.

Com o objetivo de colaborar nesse processo, o problema de pesquisa lançado foi: *O que a Universidade de Caxias do Sul pode oferecer, em termos de preparação linguística e cultural, aos intercambistas recebidos em seu Programa de Mobilidade Acadêmica de modo a minimizar a insegurança linguística que, por hipótese, surge nos processos de intercâmbio, a fim de possibilitar a interação e o desenvolvimento da competência comunicativa dos intercambistas?*

Essa questão guiou nosso objetivo geral que é o de propor atividades que contribuam com o Programa de Mobilidade Acadêmica da UCS, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas recebidos na Instituição.

Para responder à questão de pesquisa e atender ao objetivo geral proposto, no primeiro capítulo, buscamos retomar conceitos centrais, quando se fala em mobilidade acadêmica, como *cultura, globalização, e internacionalização*.

A fim de fundamentar esses conceitos, trouxemos Ianni (1994;2001), Eagleton (2005), Pozenato (2003), Miglioli (1996), Hall (2001), Bauman (2003). O entendimento desses

35 Informações retiradas do *site* Só História. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/navegacoes/>>. Acesso em 7 nov. de 2018.

conceitos é importante também para entender os fenômenos linguísticos. Afinal, entende-se que a língua se desenvolve, entre outras coisas, por meio de trocas culturais.

A língua, conforme destaca Hall (2001), contribui para a formação da identidade cultural. Em vista disso, uma pessoa geralmente só se sente pertencente a um determinado grupo social, quando domina o idioma local e passa a ser vista como um nativo, como no exemplo apresentado por Labov no Capítulo 2.

Ao analisarmos o que propõe Pozenato (2003), uma região não é um espaço geográfico, mas sim um “feixe de relações” e parte dessas relações é tributária à língua desse local.

Tendo claros esses conceitos, no segundo capítulo, procuramos analisar, pelo viés sociolinguístico, a língua em uso, considerando diferentes fatores geradores de variações linguísticas, tais como: gênero, idade, profissão, grau de instrução, entre outros, e que tornam a competência comunicativa de um estrangeiro um pouco mais difícil, considerando que o ensino de língua, de maneira geral, contempla o ensino da norma padrão da língua.

Nesse capítulo, procuramos ainda explicitar como o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QCER) sugere o ensino de língua, pautado principalmente no desenvolvimento de competências, considerando, especialmente, o Nível B1 (intermediário), nível que garante certa independência do falante estrangeiro.

Tanto a teoria sociolinguística quanto o QCER mostraram-se capazes de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa, o que é a questão mais relevante a ser atingida.

O terceiro capítulo apresentou o método, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e o Programa de Português para Estrangeiros da UCS e, na sequência, foram propostas de atividades que pudessem colaborar com ambos os Programas no processo de recebimento de alunos intercambistas e, por conseguinte, no processo de internacionalização da Instituição. Tais ações, por meio de atividades não só linguísticas, mas também culturais, objetivam colaborar no desenvolvimento de competências linguísticas, a fim de tornar tais alunos competentes comunicativamente.

Pensar a internacionalização é ir muito além da realização de um intercâmbio, é compartilhar conhecimentos e estimular novas práticas. Nesse sentido, o intercâmbio deve ser visto como uma espécie de agente transformador. O ato de viajar e vivenciar outras culturas transforma tanto aspectos pessoais quanto profissionais. Além disso, oportuniza que o aluno intercambista se torne uma pessoa com a mente mais aberta para incorporar novos conhecimentos e conviver com novas culturas.

Uma universidade com a abrangência e porte da UCS, preocupa-se não só em gerar conhecimento, mas compartilhá-lo em âmbito nacional e internacional, promovendo discussões para além do seu tempo. Hoje é possível encontrarmos estudantes da UCS em países como EUA, Canadá, México, Colômbia, Itália, França, Espanha, Portugal, dentre outros. De igual modo, são recebidos estudantes de diversas nacionalidades, que têm a oportunidade de conviver com os costumes e povo do nosso país.

O Programa de Mobilidade Acadêmica, além de ser um facilitador de experiências internacionais, é um campo propício para os estudos culturais e linguísticos. Entendemos que uma universidade que se preocupa em estar conectada com o mundo, oportunizando e investindo no crescimento e desenvolvimento de seus alunos, cumpre seu papel educacional e, acima de tudo, social.

A globalização, embora ainda não atinja todos os cantos do Planeta, tem proporcionado conhecer diferentes culturas, aproximando pessoas, estreitando laços, ao mesmo tempo em que exige respeito em relação às diferenças.

Encurtar distâncias, economizar tempo, criar redes de relações, entre outros avanços, faz com que não existam mais fronteiras culturais, tudo se torna instantâneo, rápido, porém, por mais difícil que possa parecer, tira as pessoas de sua zona de conforto, levando-as se reconhecer e reconhecer o outro.

Em resumo, com esta dissertação, pudemos evidenciar que fazer um intercâmbio é abrir-se para o mundo, um mundo de novas culturas, de novas oportunidades, é tentar dar sentido a uma babilônia, sem deixá-la ruir por incapacidade de conviver e aprender com as diferenças linguísticas e culturais.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **A norma oculta**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CEZARIO, Maria Maura E VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In MATTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COAN, M; FREITAG, R. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística**, [s. L.], v. 4, n. 2, p.1-22, jun. 2010.
- CORBEIL, Jean Claude. Elementos de uma teoria da regulação linguística. In BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.
- COSERIU, E. **Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.
- FARACO, C. A. **História da língua: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. **Norma culta brasileira: desembaraçando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FELTES, H. P. M. **Competência Comunicativa**. Porto Alegre, 1987.
- FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1996.
- HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A.(Orgs). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- HYMES, D. **Acerca de la competencia comunicativa**. In: LLORERA, Miguel (Coord.). *Competencia comunicativa: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: EDELSA, 1995.
- IANNI, O. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos avançados**, v. 8, n. 21, p. 147-163, 1994.
- _____. Globalização e transculturação. **Revista de ciências humanas**. Florianópolis, SC. 1996.
- _____. **A era do globalismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LABOV. **The social stratification of english in New York City**. 2. ed. Cambridge, 2006.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- _____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Traducción de Eduardo Correa Soares. ISSN 1678-8931 []. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov_esp.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.
- _____. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.
- LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- MACHADO, I. P. **Cultura historiográfica e identidade: uma possibilidade de análise**. Passo Fundo – RS: UPF Editora, 2001.
- MARQUES, R. M. Globalização e Estados nacionais. **Crítica Marxista**. São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996.
- MIGLIOLI, J. Globalização: uma nova fase do capitalismo? **Crítica Marxista**. São Paulo: Brasiliense, v.1, n.3, 1996.
- ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.
- POZENATO, J. C. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- QUADRO Europeu Comum de Referência para as Línguas - aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA, 2001. Disponível em: <http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf>. Acesso em 23 out. 2018.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, L. L. **O processo de hibridação cultural: prós e contras**. Ano IX, n.03 – Março/2012.

SOUZA, M.J. Fronteiras simbólicas – espaço de hibridismo cultural, uma leitura de Dois Irmãos, de Milton Hatoum. **Letrônica**. Porto Alegre, 2014.

STALLIVIERI, L. **Guia para estudantes estrangeiros**. Caxias do Sul, 2009.

UCS LINGUAS ESTRANGEIRAS. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/ucs-linguas-estrangeiras/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

UCS INTERNACIONAL. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/ucs-internacional/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE INFORMAÇÕES DA
ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERINSTITUCIONAIS E INTERNACIONAIS DA
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS**

Eu, Fabíola Carla Sartori, Coordenadora da Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais da Universidade de Caxias do Sul - UCS, após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado “**PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS DOS INTERCAMBISTAS**”, que tem como objetivo propor atividades que contribuam com o Programa de Mobilidade Acadêmica da UCS, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas recebidos na Instituição, e, para tanto, necessita coletar dados institucionais, em relação ao processo de internacionalização da universidade, especificamente sobre intercâmbio, **autorizo** a pesquisadora Lisiara Vargas da Rosa a ter acesso às informações desta instituição para a referida pesquisa.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto; a pesquisadora se compromete a preservar as informações constantes nos arquivos institucionais.

Caxias do Sul, 16 de novembro de 2018.

Fabíola Carla Sartori
Coordenadora Assessoria de Relações
Interinstitucionais e Internacionais

**ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE INFORMAÇÕES DO UCS
LÍNGUAS ESTRANGEIRA – PROGRAMA DE PORTUGUÊS PARA
ESTRANGEIROS**

Eu, Magda Mônica Cauduro Custodio, Coordenadora do UCS Línguas Estrangeira – Programa de Português para Estrangeiros, após ter tomado conhecimento do projeto de pesquisa intitulado “**PROGRAMA DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL: DESAFIOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS DOS INTERCAMBISTAS**”, que tem como objetivo propor atividades que contribuam com o Programa de Mobilidade Acadêmica da UCS, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da competência comunicativa de alunos intercambistas recebidos na Instituição, e, para tanto, necessita coletar dados institucionais, em relação ao processo de internacionalização da universidade, especificamente sobre intercâmbio, **autorizo** a pesquisadora Lisiara Vargas da Rosa a ter acesso às informações desta instituição para a referida pesquisa.

Esta autorização está sendo concedida desde que as seguintes premissas sejam respeitadas: as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do presente projeto; a pesquisadora se compromete a preservar as informações constantes nos arquivos institucionais.

Caxias do Sul, 16 de novembro de 2018.

Magda Mônica Cauduro Custodio
Coordenadora do UCS Línguas Estrangeira
Programa de Português para Estrangeiros